

XLII.

Mas primeiro, lhe diz, que os ferros duros
 Nessa turba infiel hoje empreguemos,
 Todos juntos, Senhor, com votos puros
 Huma graça de vós só pertendemos;
 Que permittais, que em vosso amor seguros
 Por nosso Rey, aqui vos acclamemos,
 E que adornado deste nome agora
 Nos leveis ao combate sem demóra.

XLII.

Respeita Affonso a Summa Divindade
 Nos effeitos da sua providencia,
 E se rende submisso á dignidade,
 Que recebe da mão da Omnipotencia;
 Rey se deixa chamar, e na igualdade
 Das vozes da geral benevolencia,
 Outra vez reconhece a mão Divina,
 Que tão altos favores lhe destina.

XLIII.

Tal foi do nosso Reyno a investidura,
 Tal o primeiro Rey, que em fim guiado
 Pela mão do Senhor, com fé segura,
 Sobre os contrarios corre confiado;
 E bem, que a multidão da gente impura
 Algum tempo resiste; em fim frustrado
 Do poder Mauritano o torpe excesso,
 Servio só para gloria do successo.

Igual-

XLIV.

Igualmente de gloria revestidas
 As armas deste Rey por largos annos,
 Foraõ sempre com palmas repetidas
 Terror geral dos feros Mauritanos;
 Não podem ser a conta reduzidas
 As batalhas, que deu; mas sem enganos
 Se sabe, que saõ tantas as victorias,
 Quantas suas empresas bem notorias.

XLV.

Lisboa, Santarem, Palmella, Almada,
 Elvas, Evora, Béja com Trancoso,
 Mafra, Cintra, e Alenquer da sua espada
 Saõ pequeno trofeo defectuoso;
 Pois nos longes da fama já gastada
 Das injurias do tempo ambicioso,
 Inda o vulto lhe adorna em nóbres vistas
 Mais copioso esmalte de conquistas.

XLVI.

Mas não só das conquistas no processo
 Se fez do grande Affonso a fama clara;
 Pois de santas virtudes no progresso
 Outra gloria alcançou, não menos rara;
 Do seu zéio piedoso o nobre excesso
 Conservado a pesar da sorte avára,
 Entre outras fundações fazem patente
 Santa Cruz, Alcobaga, e Sam Vicente.

Alli

XLVII.

Alli o tempo todo, que restava
 Dos cuidados do Reyno indispensaveis,
 O devoto Varaõ com Deos gastava
 Em desvelos de obsequio infaciaveis:
 Alli com zêlo santo se empregava
 Em actos de humildade incomparaveis;
 Observando com pia reverencia
 O mais puro rigor da penitencia.

XLVIII.

Affim ditosamente repartida
 Em cuidados de gloria, e de piedade
 Por todo o modo foi de Affonso a vida
 Hum modelo feliz de Heroicidade:
 Foi sua morte á vida parecida;
 E passando a gozar da eternidade,
 Em Coimbra seu corpo existe inteiro
 De Santa Cruz guardado no Mosteiro.

XLIX.

Sancho filho de Affonso, ao Pay succede
 Não sómente no Trono, mas na gloria;
 Pois a sorte benigna lhe concede
 Multiplicadas palmas de victoria;
 Mas o lustre maior de que procede
 Ser eterno dos nossos na memoria,
 Foi o zêlo feliz do seu governo
 Nas providencias do reparo interno.

LIX.

Os desertos incultos fabricados ,
 Povoadas as Villas destruidas ,
 Outros povos de novo edificados ,
 As antigas Cidades guarnecidas ,
 Os cultores dos campos animados ,
 As fadigas humildes protegidas
 São eternos padroens , em que sustenta
 As memorias de Sancho a fama attenta.

LI.

De Sancho successor , e filho augusto
 Foi Affonso segundo , a cuja espada
 A soberba cruel do Mouro adusto
 Cedeo , mais de huma vez , desanimada
 Permanente , a pesar do tempo injusto ,
 Vive a sua memoria eternizada ,
 Com abono immortal de illustres provas
 Em Alcacere , em Moura , e Torres novas.

LII.

Pela falta de Affonso , o Trono altivo
 Outro Sancho occupou , Principe brando,
 A quem o povo indocil , sem motivo,
 Substituiu o Irmaõ no Regio mando ;
 Mas foi feliz o crime , se nocivo
 Não fosse á honra exemplo tão nefando,
 Pois de Affonso terceiro o nome egregio
 Foi adorno immortal do Solio Regio.

Este

LIII.

Este foi o primeiro, em cuja frente
 Se vio com largas palmas adornado,
 Duplicado Diadema permanente,
 De Castellos, e Quinas matizado,
 Unindo a Portugal constantemente
 Dos Algarves o Reyno conquistado;
 Elle em fim conseguiu nas suas terras
 Render os Mouros, acabar as guerras.

LIV.

Succedeo-lhe Diniz Principe egregio
 De relevantes prendas assistido,
 Em cujas maons florente o Ceptro Regio
 Brotou mil fructos de valor subido;
 Logrou de Pay da patria o privilegio
 Por diversos motivos conseguido;
 Pois foi ao mesmo tempo recto, affavel,
 Liberal, cuidadoso, e respeitavel.

LV.

Das sciencias, das leys, da agricultura
 Zelozo Protector, Mestre elegante,
 Elle fez succeder á guerra dura
 Da policia civil a luz brilhante;
 Elle mesmo das Musas a doçura
 Accommodou á lingua dissonante,
 E foi Auctor da Rima Portugueza,
 Que praticou com graça, e com destreza.

Affonso

LVI.

'Affonso quarto, de Diniz herdeiro
 Foi no Trono Real, por sua morte,
 Conhecido por bravo, e justiceiro,
 Porém de animo illustre, e peito forte:
 Este, sendo do Genro companheiro
 Contra o Mouro poder, com alta sorte,
 Nas memoraveis margens do Saládo
 Deixou seu claro nome eternizado.

LVII.

Fora sempre feliz a sua gloria
 Na lembrança de acção tão bem lograda,
 Senão manchasse as palmas da victoria
 Com severo rigor na paz dourada;
 Mas destustra-lhe os cultos da memoria
 O triste horror da furia envenenada,
 Com que fez da belleza, e da innocencia
 Escandaloso objecto da violencia.

LVIII.

Era naquelle tempo esmalte claro
 Dos adornos da Corte Portugueza,
 Ignez, a bella Ignez, prodigio raro
 De virtudes, de prendas, e belleza,
 Que ajustando, a pesar do fado avaro,
 As graças da figura ás da viveza,
 Do Successor do Reyno glorioso
 Era doce prisaõ, laço gostoso.

Mas

LIX.

Mas o Pay, que severo, e recatado
 Taõ suaves cadêas abomina,
 De conselhos perversos incitado,
 Em quem a torpe inveja só domina,
 Por castigo do Filho namorado,
 Tirar Ignez do Mundo determina;
 E pelas mesmas maõs da inveja infame
 Faz, que o sangue innocente se derrame!

LX.

Enganou-se porém no seu conceito
 Dos Ministros crueis a confiança;
 Pois do Principe illustre o claro peito
 Não sofre injuria tanta sem vingança,
 Antes mais irritado o duro effeito
 Dos repetidos golpes da lembrança,
 Sobre o Trono subindo, brevemente
 Lhe fez sentir a pena competente.

LXI.

Este foi o famoso Pedro augusto,
 Rey não menos activo, do que amante;
 Observador das leys, severo, e justo;
 Mas de graças não menos abundante;
 Foi dos vicios terror, dos crimes susto;
 Mas da virtude amparo taõ constante,
 Que chamava perdido aquelle dia,
 Em que alguma mercê não dispendia.

Deste

LXII.

Deste o ser recebi, deste a memoria
 Em meus cultos será sempre applaudida;
 E da luz immortal da sua gloria
 Será sombra fiel a minha vida;
 Não será, se eu puder, a sua historia
 Pela minha fraqueza desmentida;
 Mas eu que digo! Sabe Deos se a forte
 Me permite imitar Varão tão forte.

LXIII.

Succedeo-lhe Fernando no governo,
 Principe bom, mas leve, e descuidado;
 De presença gentil, de peito terno,
 Mas inconstante, e mal aconselhado;
 Appetitoso do dominio externo,
 Nunca contente do seu proprio estado,
 Liberal sem medida, impetuoso
 Nas paixoes, nos projectos orgulhoso.

LXIV.

Perdõe a natureza, se offendidos
 Os respeitos de Irmao, culpo a Fernando;
 Mas dos seus desconcertos saõ nascidos
 Os estragos do Reyno miserando;
 Elles foraõ no tempo já sentidos
 Daquelle triste Rey; porém cobrando
 Novas forças o mal, por sua morte,
 Na céga confusaõ se fez mais forte.

Tinta

LXV.

Tinha sido Fernando desposado
 Já com duas Princezas sem effeito,
 Frustrando sempre a fé do nó sagrado
 A leveza fatal do seu conceito;
 Quando de hum torpe amor desordenado,
 Sem defença rendido o brando peito,
 Usurpou para Esposa, indignamente,
 A legitima Esposa de hum parente.

LXVI.

Daqui teve principio a desventura,
 Daqui toda a desordem foi nascida;
 Que sempre foi pensão da formosura
 Ser de estragos fataes causa luzida;
 Porque a nova Raynha, em quem se apura
 O rigor da perfidia mais crescida,
 Receando do fado as contingencias,
 Quiz fazer das ruinas providencias.

LXVII.

Pareceo-lhe, que os grandes orgulhosos
 Mostravaõ pouco gosto em seus cortejos,
 E que os filhos de Pedro perigosos
 Podiaõ ser, talvez, a seus desejos;
 E cogitando meyos horrorosos,
 Para perder qualquer, mais que sobejos,
 Pelo Infante Diniz principiando
 A ruina do Irmaõ foi meditando.

Merece

LXVIII.

Merece a compaixão deste successo
 Mais distincta attenção na sua historia ;
 E por isso talvez no seu progresso
 Darei mais largas velas á memoria ;
 Mas não recées , não , que algum excessso
 Desfigure tragedia tão notoria ;
 Porque as côres sômente da verdade
 A farão lastimosa á toda a idade.

LXIX.

Tinha sido Diniz já desterrado ,
 Por disputar obsequios á Raynha ;
 E daquelle successo horrorizado
 Aprendido a teme-la o Reyno tinha ;
 De todos o seu culto era observado ,
 Talvez mais , do que a todos nos convinha ;
 Mas João de Diniz Irmão inteiro ,
 Era nestes obsequios o primeiro.

LXX.

Affectava a Raynha astutamente ,
 Estimar rendimentos tão brilhantes ;
 E no perfido vulto indignamente
 Lhe mostrava os agrados mais constantes ;
 Mas tendo projectado , infamemente ,
 A precisa ruina dos Infantes ,
 Abusando da mesma complacencia ,
 Fez servir para estrago a confidencia.

Era

LXXI.

Era Irmã da Raynha outra belleza
 De não menos agrado, e mais candera,
 A cujas prendas, com gentil fineza,
 Votava o claro Infante a fé mais pura;
 E julgando com triste subtileza
 Tirar do amor os meynos da ventura,
 Lhe déra as maons de Esposo na esperança
 De alcançar da Raynha a confiança.

LXXII.

Mas aquella, que os laços mais sagrados
 Da fé, da natureza, e da amizade
 Reputava sómente vaons cuidados
 De huma timida, vil simplicidade,
 Abusando dos mesmos predicados,
 Em que a ley da affeição fundada a verdade,
 Da ruina da Irmã com torpe objecto
 Fez a baze cruel do seu projecto.

LXXIII.

Pois mostrando estimar do nobre Infante
 Agora mais que nunca as claras prendas,
 E cobrindo do zêlo mais brilhante
 As idéas do odio mais horrendas,
 De pranto vil o perido semblante
 Banhado todo, em vozes estupendas,
 Lhe vertè em fim hum dia nos ouvidos
 O veneno cruel destes gemidos.

LXXIV.

Ah ! quanto , Illustre Infante , ah ! quanto custa
 Ser fiel na amizade ; e quem podera ,
 Sem faltar ao dever da fé mais justa ,
 Disfarçar da verdade a voz severa :
 Eu temo parecer ao Mundo injusta ;
 Mas eu sou vossa amiga , eu sou sincera ,
 E não devo por fulto , ou por engano ,
 Occultar-vos mais tempo hum defengano.

LXXV.

Minha Irmã não conhece a honra illustre ,
 Que de ser vossa Esposa lhe resulta ,
 E com termo infiel , com vil deslustre ,
 Da fé sagrada as santas leys insulta ;
 O Mundo falla , temo , que se frustre
 Algum disfarce , com que o crime occulta ;
 E não quero , que possa parecer-vos ,
 Que eu concorro tambem para offender-vos.

LXXVI.

Bem sei , que neste aviso , insulto ingrata
 As leys mais puras do amor fraterno ;
 Mas a tão grande excesso me arrebatou
 A triste força de hum horror interno ;
 Pois se a pena do crime se dilata ,
 Se fará no rumor da fama eterno ;
 E ficará das gentes na memoria ,
 Manchada a vossa honra , e a minha gloria.

Eu

LXXVII.

Eu sinto a vossa dôr; mas talvez seja
 Providencia do Ceo esta desgraça,
 De cuja execuçãõ precisa esteja
 Dependente do Reyno a sorte escaça;
 Pois talvez a pesar da torpe inveja,
 A Portugueza gloria assim renasça
 Do seu proprio esplendor, que amortecido
 Se via quasi a cinzas reduzido.

LXXVIII.

Vós sabeis, que eu não tenho de Fernando
 Mais do que huma só Filha, a quem destina
 O cuidado do Rey o Regio mando,
 No consenfo do povo, que domina,
 E que dentro da Patria não achando
 Casamento decente, determina
 Dar-lhe hum Principe estranho por Esposo,
 Projecto a Portugal sempre odioso.

LXXIX.

Mas pois agora a forte vos faculta
 Os meyoys de romper o laço indigno,
 Que os empenhos sómente difficulta,
 De que o vosso valor vos faz tão digno;
 Quebrada a vil prisãõ, que vos insulta,
 A' Princeza aspirai; que o Rey benigno
 Nada deseja tanto, e d'elle modo
 Ficará satisfeito o Reyno todo.

LXXX.

Disse, e cada palavra acompanhada
 De huma enchente de perolas fingidas,
 Parecia por força articulada
 Dos impulsos das magoas mais sentidas;
 E com tantos suspiros abonada
 A torpeza das culpas repetidas
 Era capaz de obrar o seu effeito
 No mais prudente, mais discreto peito.

LXXXI.

Ouvia o triste Infante, entre cuidados,
 A cruel relação da sua afronta,
 E não menos os meyo's indicados
 A subir sobre o Troço em paz mais prompta;
 Mas recordava os nobres predicados
 Da chara Esposa, cuja fama aponta
 Tantas provas de amor, de honra, e verdade,
 Que mal pôde suppôr-lhe falsidade.

LXXXII.

Da dôr, e da ambição o cégo effeito
 Lhe inspirava projectos horrorosos;
 Mas não menos a fé no terno peito
 Lhe ministrava impulsos generosos;
 Ora triunfa amor no seu conceito,
 Ora a força dos eccos aleivosos;
 Mas em fim pôde mais, do que a virtude,
 A vingança, e ambição, que o peito illude.
 Preci-

LXXXIII.

Precipitado, cégo, e sem reparo
 Parte logo a Coimbra o triste Infante,
 Onde a scena fatal o fado avaro
 Para a tragedia armava mais tocante;
 Alli da fé mais pura, e exemplo raro,
 Entre applausos do povo circunstante
 Existia a bellissima Maria,
 Em virtudes mais clara cada dia.

LXXXIV.

Alli do charo Esposo o nome amado,
 Sem cessar, repetia ardentemente,
 E com doces memorias o cuidado
 Divertia da ausencia, honestamente;
 Alli o tempo em obras occupado
 De virtudes Reaes, de amor decente,
 Os momentos, que a Deos não consagrava,
 Nas lembranças do Esposo os empregava.

LXXXV.

Huma noite, que a força da ternura
 Mais cruel lhe fazia a larga ausencia,
 Ou do risco imminente a sombra escura
 Lhe inspirava presagios de violencia,
 Ferido o coração de dor mais pura,
 Por occultar estragos da impaciencia,
 Do leito a solidão buscou mais cedo,
 Para poder chorar com mais segredo.

Alli

LXXXVI.

Alli só dos seus males assistida,
 Dos seus sustos, das suas saudades,
 E de occultos horrores commovida,
 Que lhe arguião tristes novidades,
 Soltando a redea toda á dor crescida,
 Para dar-se da queixa ás liberdades,
 Estas vozes dirige magoada,
 De hum retrato do Esposo á vista amada.

LXXXVII.

He possivel talvez, querido Esposo,
 Que te esqueças de mim! Tu que fazias
 As delicias do tempo mais gostoso,
 Das doces horas só, que me assistias!
 He possivel, que seja mais forçoso,
 No teu peito fiel, por tantos dias,
 Hum pequeno negocio, que te prende
 Do que a nobre paixã, que em ti se accende.

LXXXVIII.

He possivei, que a força da fineza,
 Que tanto póde em mim, tanto me obriga,
 Obre em ti com tão pouca fortaleza,
 Que arrancar-te da Corte não configa?
 Acaço vive em ti menos accesa
 A chama nobre da paixã antiga?
 Ou te parece em fim menos decente
 A prisaõ, que beijavas reverente?

Eu

LXXXIX.

Eu não mereço menos por ser tua,
Antes preço tão alta qualidade,
Que a ventura feliz me perpetua
De gozar teu amor com liberdade;
Pois como pôde ser; que em ti destrua
O nó da fé os laços da vontade?
E se alhêa podia merecer-te,
Como por tua poderei perder-te?

XC.

Eu sou a mesma sempre, o mesmo peito;
O mesmo coração, o mesmo gosto
Acharás sempre em mim, preciso effeito
De hum dever por affecto, e fé imposto;
Pois se em mim vive eterno amor perfeito;
Como posso suppôr em ti desgosto?
Mas ah! que pôde ser, que o mesmo traço
Com excessos de amor te faça ingrato.

CXI.

Ingrato disse; e foi a vez primeira,
Que lhe deu este nome; mas o Fado
A fez por mal de todos verdadeira,
Na prompta execução do golpe irado;
Pois a penas o som da voz ligeira
Ferira brandamente o ar delgado,
Quando á porta se mostra do aposento,
Do cego Infante o vulto turelento.

En-

CXII.

Entre susto, e prazer sobrefaltada,
 Querido Esposo, diz; mas não prosegue;
 Porque logo nas vozes atalhada,
 Se vio ás maons crueis da raiva entregue;
 De dois barbaros golpes traspassada,
 Nem poder ser ouvida em fim consegue,
 E cahindo do leito esmorecida,
 De hum suspiro exalou a triste vida.

CXIII.

Foi geral desta morte o sentimento,
 Geral o triste horror do golpe indigno,
 Geral a indignação contra o violento,
 Vil proceder do Principe maligno;
 Mas aquelle, que o cego pensamento
 Occupava no credito benigno,
 Que esperava lograr por esta empreza,
 No sublime Conforcio da Princeza,

CXIV.

Despresando com barbara ousadia
 Os clamores da propria consciencia,
 Outra vez para a Corte os passos guia
 A tractar deste empenho a consequencia;
 Mas onde em fim julgava, que acharia
 Auxilio certo, encontra a rezistencia;
 Porque a Raynha em lagrimas banhada,
 Se affectava do caso exasperada.

XCV.

Conheceo porém tarde o torpe engano,
 O desgraçado Infante, e perseguido
 Pela mesma, que origem foi do damno;
 Obrigado a fugir, se vio perdido;
 Pois entrando no Reyno Castelhanao,
 Alli entre prisoens geme opprimido,
 Com que o Rey inimigo em proprio abono,
 Lhe impede os passos para o patrio Trono.

XCVI.

Mas em tanto, que errante, e fugitivo
 Entre sustos, pagava o triste Infante
 O castigo do erro vingativo,
 E da cega ambição pena bastante;
 A Raynha tomando por motivo
 Interesses do Trono vacilante,
 Com ElRey de Castella em firme laço
 A Princeza ajuntou, sem embaraço.

CXVII.

Era o fim principal do seu projecto
 Fazer o seu poder mais respeitado,
 Pela morte do Rey, de cujo affecto
 Bem via ser sómente derivado;
 Mas cobrindo com termo circunspecto
 Os seus intentos de razoens de Estado,
 Dispoz em fim a fórma deste ajuste,
 De fórte, que a Nação se não assuste.

Ajustou-

XCVIII.

Ajustou-se, que o dote da Princeza
 Seria agora o mesmo, em que já fôra
 Abonada outra Infanta Portugueza,
 Que tambem de Castella foi Senhora;
 Que lograria as terras, e riqueza
 Da Raynha de Hespanha antecessora,
 E que faltando filhos a Fernando,
 Herdasse em Portugal o Regio mando.

XCIX.

Porém, que em todo caso, separado
 Este Reyno seria, e dividido
 Do dominio Hespanhol, auctorizado
 Por proprio Rey, só nelle obedecido;
 Que este seria o fructo fazonado
 Deste novo Conforcio produzido;
 E que os filhos nascidos da Princeza
 Se criassem na Côrte Portugueza.

C.

Que faltando Fernando antes, que o neto
 Por si reger podesse a Lusa gente,
 O governo do Reyno entã completo
 Gozaria a Raynha livremente;
 E que em falta daquella, o seu discreto
 Arbitrio poderia finalmente
 Nomear nacionaes Governadores,
 Dos Tractados fieis executores.

Que

CI.

Que os empregos Civis, e Militares
Dos Nacionaes sómente verdadeiros
Seriaõ pertençaens particulares,
Com perpetua exclusão dos Estrangeiros;
E que na privação destes lugares,
Se reputassem sempre forasteiros
Os mesmos Portuguezes, que a Castella
Serviraõ contra a Patria em damno della.

CII.

Que os foros, isençoens, e liberdades,
Ou por leys, ou costume auctorizadas;
Seriaõ sem mudança, ou novidades,
Em toda sua força conservadas,
Que os privilegios, terras, e Cidades,
Que algum Rey Portuguez tivesse dadas,
Igualmente seriaõ permanentes
Na Raynha, e Vassallos dependentes.

CIII.

Estes foraõ, se bem recorde agora,
Os principaes artigos de hum Tractado,
Que os Reys ambos juráraõ sem demora,
Sobre o Corpo de Christo consagrado;
Mas que foi apesar da fé, que implora,
Por Castella taõ mal executado,
Que das suas crueis faltas perjuras
Procedem todas nossas desventuras.

Pois

CIV.

Pois apenas da Parca o golpe avaro
 De Fernando cortou o triste alento,
 Quando a cega ambição por modo claro,
 O véo rasgou do torpe fingimento;
 E quebrantadas, com desprezo raro,
 As leys da honra, e a fe do juramento,
 Servio só de pretexto á tyrania
 O mais sagrado laço da harmonia.

CV.

Ficára, pela falta de Fernando,
 Confórme do Tractado a providencia,
 A Raynha Viuva governando
 O Reyno, com total independencia;
 E dos mesmos contractos observando
 As condiçoens tocantes á Regencia,
 Esperava, que o Ceo lhe concedesse
 Hum neto, a quem o Reyno obedecesse.

CVI.

Mas o Rey de Castella, em cujo peito
 Para sua ruina, e nossos damnos,
 Fazia da ambição o cego effeito
 Revolver pensamentos mais tyranos,
 Accusando por falta de respeito,
 Esta justa isenção dos Lusitanos,
 Com as armas na mão, na Lusa terra
 Se ostentou promptamente, em tom de guerra.

Alfuz.

CVII.

Assustou justamente este projecto
 Huma Nação, que adora a liberdade,
 E da mesma Raynha o terno affecto
 Se horrorisou daquella novidade;
 Acodio-se á defenza, e foi completo
 O geral alvoroço em toda a idade,
 Homens, mulheres, velhos, e meninos
 Todos buscão das armas os destinos.

CVIII.

Eu fui naquella empreza nomeado
 Para guardar algumas das Fronteiras,
 E com ordens precisas obrigado
 A rebater as armas estrangeiras;
 E assim outros tambem, a que o cuidado
 Da Raynha deu mostras verdadeiras,
 De querer defender a todo o custo,
 O paiz natural, de hum jugo injusto.

CIX.

Mas durou pouco tempo a chama pura
 Do patrio amor, no peito da Raynha,
 Em quem vivia sempre mal segura
 A firmeza da fé, que lhe convinha;
 Porque logo o rigor da sorte dura,
 Que a nossa divitaõ jurado tinha,
 Lhe ministrou motivos de pesares
 Nascidos de razoens particulares.

Del-

CX.

Delles queixosa , com tyrano intento ;
 De vingar-se sómente dezejosa ,
 Sacrificando tudo ao sentimento ,
 Se retirou da Côte , desgostosa ;
 E seguida de hum grande ajuntamento
 De parentes , e gente officiosa ,
 Se passou de Alenquer á Fortaleza ,
 Praça sua , se bem que Portugueza.

CXI.

Alli crescendo mais a força activa
 Da dura raiva , em odio dos culpados
 Na sua indignação sempre mais viva ;
 A pesar dos perdoens folicitados ,
 Confundindo na furia vingativa
 Todo o resto dos Lusos desgraçados ;
 Ella mesma incitava o Genro injusto
 A tomar Portugal a todo o custo.

CXII.

Mas não fora precisa aquella instancia ;
 Supposto que gostosa , ao Rey tyrano ,
 Que a pesar já da mesma repugnancia ,
 Entrára pela Beira , em nosso damno :
 Cresceo com tudo agora de arrogancia
 Mayor ardor no peito Castelhana ,
 E passando da Beira á Estremadura ,
 Da Sogra a companhia em fim procura.

Eu

CXIII.

Eu entã, sobre quem mais claramente
 Fulminava a Raynha os seus enfados,
 E que já do seu odio antigamente,
 Tinha provado effeitos porfiados,
 Aconselhado de hum temor prudente
 A precaver successos mais pesados,
 Deixar determinava a patria terra,
 E passar ao serviço de Inglaterra.

CXIV.

Mas apenas no povo de Lisboa
 Se ouviu algum rumor do meu intento,
 Quando a parte mayor da gente boa
 Se me ajuntou á porta do apozento;
 E com vozes, que a dor sómente entoã
 Nos impulsos de hum vivo sentimento,
 Me pediaõ, que houvesse de leva-los,
 Ou não quizesse assim desampara-los.

CXV.

Commoveo-me; confesso, aquelle aspecto,
 Commoveo-me a ternura desta gente;
 E supposto que firme em meu projecto,
 Me sentia abalar, internamente,
 Concorria da Patria o proprio affecto
 A fazer este empenho mais valente;
 Mas a força do risco, em que nã via,
 Mudar de opiniaõ já não soffria.

Def-

CXVI.

Desci a consola-los magoado
 De não poder ser mais agradecido
 Nos effeitos supprindo de hum agrado
 As faltas do remedio appetecido;
 Mas dos braços de todos rodeado;
 A penas fui por elles recebido,
 Me vi mais opprimido da ternura
 Entre lagrimas, rogos, e brandura.

CXVII.

Fiz-lhe ver do meu risco a contingencia,
 O poder da Raynha, e Rey contrario,
 A malfundada dor da minha ausencia,
 Os perigos de hum caso temerario,
 De huma guerra civil a consequencia,
 A inconstancia do vulgo sempre vario;
 Mas a tudo sómente era reposta,
 Que em mim toda a esperanza estava posta.

CXVIII.

Crescia o meu pesar; mas não podia
 Convencer-se a razão do sentimento
 Porque a toda a ternura resistia
 Do meu risco o fatal conhecimento;
 Porém quando mais firme parecia
 Na prompta execução do meu intento,
 Então Go. Cavalleiro illustre, e forte
 Principia a fallar-me desta sorte.

CXIX.

Se não basta, Senhor, o desamparo
 Deste povo infeliz, que afflicto chora,
 Amover vosso espirito preclaro,
 A nobre compaixão, que vos implora,
 Se he inutil o rogo, e sem reparo
 Deixais huma Nação, que vos adora
 Ao menos permitti, que o nosso affecto
 Pondere sem paixão vosso projecto.

CXX.

Supponhamos talvez, que de Inglaterra
 No serviço fazeis grandes progressos,
 E que a sorte feliz em paz, e guerra
 Vos concede os mais prosperos successos:
 Porventura esperais naquella terra,
 Depois de mil fadigas, mil excessos,
 Alcançar algum premio mais formoso,
 Do que hoje recusais escrupuloso?

CXXI.

Quando sereis Senhor de huma Cidade
 Porquem deva Lisboa ser trocada?
 Ou donde encontrareis mais lealdade
 Do que por vós agora he desprezada?
 Pois se aqui tendes certa a dignidade,
 O poder, e grandeza desejada;
 Porque razão deveis deixar agora
 O que haveis de estimar em outra hora?

CXXII.

E se a gloria sómente he quem vos chama
 A's illustres fadigas de Mavorte,
 E de hum nome immortal a nobre fama
 Vos convida a buscar mais alta sorte,
 Onde póde da guerra a clara chama
 Luzir mais gloriosa, arder mais forte,
 Do que nas diffençoens, com que hoje assusta
 Ao valor Portuguez a sorte injusta.

CXXIII.

Pois se a favor da patria liberdade,
 Da ternura, e da fé da propria gente,
 Podeis benigno, em nossa utilidade
 Ostentar o valor tão dignamente,
 Que razão, que receyo, ou que impiedade
 Vos separa de nós tyranamente?
 Ah! Senhor, se são fortes vossos sustos,
 Não são nossos receyos menos justos.

CXXIV.

Nós todos estimamos nossas vidas;
 Mas estimamos mais a Patria amada,
 Por cuja liberdade bem perdidas
 Seraõ, se assim o quer a sorte irada,
 E se em nós taes finezas são devidas,
 De vós mais alta empreza era esperada,
 Pois nós somos patricios simplesmente,
 Vós Principe, e patricio juntamente.

Nós

CXXV.

Nós devemos servir; a vós tocava
 Sustentar os direitos deste Estado,
 Que dos vossos alentos confiava
 A direcção de empenho tão honrado:
 Em vós da Regia prole contemplava
 Hum resto precioso, em quem guardado
 Julgava ter o reyno, em toda a idade,
 Hum seguro penhor da liberdade.

CXXVI.

Nós não tememos os crueis effeitos
 Dos Castelhanos feros ameaços,
 Não nos turba o receyo os nobres peitos,
 Nem nos prende o temor os fortes braços;
 O que faz vacillar nossos conceitos,
 O motivo dos nossos embaraços,
 A falta he só de hum Principe benigno,
 Que dos nossos respeitos seja digno.

CXXVII.

O vosso augusto Irmao, a quem devido
 Este reyno seria, sem disputa,
 Entre indignas prisoens geme opprimido
 Da tyrana ambição cautela astuta,
 E na falta do Principe impedido,
 Esperava esta gente resoluta
 Achar em vós hum Defensor valente,
 Que amparasse a Nação illustremente.

CXXVIII.

Não malogreis, Senhor, nossa esperança,
 Nem recuseis tão nobre qualidade,
 Que a pesar da ambição, e da vingança,
 Vos fará immortal em toda a idade;
 Fiai de nós a vossa segurança,
 Patrocinaí a nossa liberdade;
 E nos riscos da Patria não se creia,
 Que buscaís por temor a terra alheia.

CXXIX.

Se o Príncipe quebrar os duros laços,
 Vossa gloria será salvar-lhe o Trono;
 Pois fereis a pesar dos embaraços,
 Da Patria Defensor, do Rey Patrono;
 E se o fado cruel lhe impede os passos,
 Trabalhareis, Senhor, em nosso abono;
 E de qualquer maneira a fé devida
 Achareis sempre em nós por toda a vida.

CXXX.

Ponderai bem agora a differença
 De servir em paiz desconhecido,
 Ou de servir da Patria na defensão,
 Dos vossos nacionaes obedecido:
 Lá será sempre incerta a recompensa,
 Aqui tendes o premio conseguido.
 No respeito de todos, na ternura,
 Na constante amizade, na fé pura.

Nós

CXXXI.

Nós todos vos amamos , nós não temos
 Interesses dos vossos separados ;
 Pois os mesmos estragos , que têmemos ,
 São por vosso respeito originados.
 Por vós , Senhor , por vosso amor nos vemos
 A tão duros empenhos obrigados ,
 Agora vêde bem se em taes perigos
 Nos deixareis nas maons dos inimigos

CXXXII.

Naõ disse mais ; porém o triste aspecto ,
 Os soluços de todos , a ternura
 De algumas expressoens do fino affecto ,
 E mil outros signaes da fè mais pura
 Fizeraõ tal mudança em meu projecto ,
 Que vencida a prudencia da brandura ,
 Lhe respondi por fim , que eu me rendia
 A seus rogos , e nelles consentia.

CXXXIII.

Convocou-se a Nobreza , os Magistrados ,
 O Clero , e todo o Povo da Cidade ,
 Porque fossem por todos approvados
 Pensamentos daquella qualidade ,
 E por votos geraes auctorizados
 Os projectos da nossa liberdade ,
 Defensor deste reyno me acclamaraõ ,
 E servir-me fieis todos juraraõ.

En-

CXXXIV.

Entre tanto a Raynha, em quem ardia
 Da vingança cruel o fego activo,
 E na vinda do Genro presumia
 Satisfazer o genio vingativo;
 Passando a Santarem, dalli fazia
 Avultar das discordias o motivo,
 E com vivas instancias apressava
 As armas Castellhanas, que implorava.

CXXXV.

Chegou em fim o Rey, foi recebido
 Com lagrimas cruéis, queixas tyranas,
 E com rogos infames impellido
 A's vinganças mais duras, mais insanas,
 Mas aquelle, que tinha no sentido
 Mais altivas emprezas, mais ufanas,
 Conhecendo da Sogra a crueldade,
 A converteo em propria utilidade.

CXXXVI.

Fez-lhe crer, que seria necessario
 Transferir-lhe os direitos da Regencia,
 Para mais livremente o povo vario
 Reprimir no castigo da insolencia;
 E querendo por modo extraordinario
 Tirar toda a razao de competencia,
 Apenas conseguiu o seu intento,
 A prendeo na clausura de hum convento.

Fez-

CXXXVII.

Fez-se logo sentir por toda a parte
 O ruido das armas estrangeiras,
 E deposto o rebuço, o duro Marte
 Se desatou nas iras mais grosseiras:
 Por todo o Portugal o Rey reparte
 Soldados, armas, capitaens, bandeiras;
 Mas a força maior da sua armada
 Sobre a triste Lisboa foi mandada.

CXXXVIII.

Era grande o poder, e se augmentava
 Das nossas mesmas cegas competencias;
 Pois parte da Nação facilitava
 Dos contrarios as duras insolencias;
 Entre irmaons, pays, e filhos se ostentava
 A discordia com varias apparencias,
 Se hum a Patria constante defendia,
 Outro a torpe ambição favorecia.

CXXXIX.

Huma Praça seguia o meu partido;
 Outra as portas abria ao Rey tyrano;
 Aquí era o meu nome obedecido,
 Acolá se acclamava o Castelhanao,
 Hum lugar resistia, outro opprimido
 Lamentava da guerra o triste damno;
 E cada qual pedia instantemente
 Assistencia maior de armas, e gente.

Eu

CXL.

Eu não podia em tantos embarços ;
 A todos assistir, era forçoso
 Servir-me do valôr de alheios braços
 No soccorro do Reyno lastimoso ;
 Prendia-me a razaõ com fortes laços
 De Lisboa no risco pavoroso ;
 E não era prudencia em tanto aperto,
 Confiar o poder a peito incerto.

CXLI.

Só Nuno, o grande Nuno, em meu conceito
 Era capaz de tanto : o seu cuidado,
 A fé nobre, o valôr daquelle peito
 Era no Reyno todo acreditado ;
 Deste fiz eleição, do seu respeito
 O soccorro fei de todo o Estado,
 E partidas as forças da Corôa,
 Elle anima as Provincias, eu Lisboa.

CXLII.

Nuno tem derrotado em campo aberto
 Os inimigos por diversas vezes,
 E de louros, e palmas já coberto,
 Faz respeitar os brios Portuguezes ;
 Eu tenho sustentado em duro aperto
 Hum assedio cruel de quatro mezes ;
 E não creio ter tido maior damno,
 Do que tem recebido o Rey tyrano.

CXLIII.

Se o Ceo irado a gloria Portugueza
 Escurecer de todo determina,
 Mal póde dos mortaes a fortaleza
 Impedir dos seus golpes a ruina;
 Mas se nossa razaõ, nossa firmeza
 Merece a protecção da mãõ Divina,
 Naõ será desta vez o Luso Trõno
 Profanado dos pés de intruso dono.

CXLIV.

Se o charo Irmaõ os ferros aleivosos
 Quebrar poder em nosso beneficio,
 O Ceptro empunhará, feroz ditosos
 Os projectados fins do meu officio;
 E se a força dos fados rigorosos
 Naõ consente successo taõ propicio,
 Defendida a Nação, livre Lisboa,
 Disporáõ do governo, e da Corõa.

FIM DO CANTO IV.

A LIBERDADE
CANTO V.

ARGUMENTO.



CONTINUAVA a pratica do Defensor com Monferro, quando foraõ interrompidos pela voz dos tambores, que tocavaõ á Alvorada da manhã. Marcha o Defensor para a muralha; mas observa, que para a parte do mar se alvoroçaõ os Soldados, e que desembarcava hum homem na praya: encaminha-se áquella parte, e sabe, que he hum mensageiro, que lhe traz a certeza de ser chegada a Armada do Porto. A noticia deste soccorro se divulga no Campo Castelhana, e o Rey chama a Conselho de Guerra, para rezolver se deve combater a Armada fóra da Barra, ou dentro do rio. Entra a Armada pela Barra, e o Defensor arma toda a qualidade de embarcaçoens, que tem em Lisbõa, e se embarca com alguma gente para facilitar a passagem; mas o Genio infernal excita huma tempestade, que desbara-
ta

ta as embarcações do Defensor, e leva algumas da Armada do Porto ás mãos dos inimigos, e arruinaria tudo, se o Genio Tutellas dos Portuguezes não viesse affugentar a Furia, e socegar os ventos. Com este auxilio se salva facilmente a Armada, a excepção de tres Náus, das quaes o Rey manda, que lhe levem hum dos prisioneiros de mais conta, e foi Vasco Leitaõ. Reprehensão do Rey a Vasco, e resposta deste. Indigna-se mais vivamente o Rey, e se pertende a proveitar athé dos meynos mais infames. Traição de D. Pedro de Castro, e máo successo della. Novo projecto do Genio infernal, que se disfarça na figura de hum Engenheiro, que estava preso na Cidade, e suppondo-se fugido, vai dar alguns avisos ao Rey, e põem a Cidade no mais rigoroso bloqueio, a que se segue a mais cruel fome. Providencias tomadas sobre este ponto, e inutilidade dellas: desmayo do povo, desesperação da Tropa, e afflicção do Defensor. Chama este a Conselho de Guerra, e propõem morrer com as armas na mão em defesa da liberdade; mas o Genio Tutellar de Portugal se queixa ao Deos Supremo, das insolencias das Furias infernaes, e impiedade dos Castelhanos, e Deos os manda ferir com peste; pelo que se levanta o cerco.



A LIBERDADE

CANTO V.

I.

JA' da risonha Aurora a luz serena
 As cabeças dos montes prateava,
 E das aves a varia cantilena
 A chegada do dia annunciava,
 Quando ainda o Varaõ, em frase amena,
 A Monferro mil casos relatava;
 E cada vez Monferro mais attento
 Lhe pedia mais largo documento,
 Mas

II.

Mas do rouco tambor o forte brado
 Fez suspender a doce conferencia,
 E dos riscos presentes o cuidado
 Os chamava a mais dura diligencia:
 O trabalho das armas costumado,
 O desvêlo da nobre resistencia,
 Succedeo ás noticias, ás historias
 Dos Lusos fastos, das antigas glorias,

III.

Para a forte muralha encaminhava
 O Defensor illustre os nobres passos,
 E com altas idéas se occupava
 No remedio de tantos embaraços:
 Quando vio, que do mar desembarcava
 Da Gente militar quasi nos braços
 Hum Varaõ, a que o povo recebia
 Com signaes excessivos de alegria.

IV.

Quem seja não conhece; porque a gente
 Lhe impede a vista no concurso vario,
 Adianta-se a ver, mas brevemente
 Se lhe permite o gosto necessario;
 Porque o Varaõ rompendo diligente
 O tumulto do povo extraordinario,
 A seus pés se apresenta, e desta sorte
 Principia a fallar-lhe attento, e forte.

Eu

V.

Eu, Senhor, sou do Porto: aquella terra,
Naõ menos, que Lisboa, vos estima,
E nos casos presentes desta guerra
Naõ menor ambiçaõ seu povo anima;
Igual amor da patria em nós se encerra,
Igualmente o seu risco nos lastima,
E da vil servidaõ o pensamento
Naõ nos faz menos dõr, menos tormento.

VI.

Ruy Pereira, Senhor, por ordem vossa
Nos convidou à honra desta empreza,
Em que unir-se a Naçaõ quanto mais possa
Deve a favor da gloria Portugueza:
Se vós sois Defensor, a causa he nossa,
E servir-vos naõ he grande fineza;
Mas, ou grande, ou pequena, he sem disputa,
Voluntaria, sincera, e resoluta.

VII.

Os Navios, os bens, as proprias vidas
E quanto he nosso, em fim tudo disposto
A servir-vos está: de vós regidas
Nossas forças feraõ com muito gosto;
Já na bõca do Tejo prevenidas
Trinta vélas estaõ, em cujo posto
Vossas ordens esperaõ dezejosas
De servir-vos fieis, e valorosas.

E

VIII.

E Pereyra sabendo, que eu devia
 Ter a honra, Senhor, de protestar-vos
 A fé da minha patria, e pertendia
 Este pequeno obsequio anticipar-vos,
 Confiando de mim, que eu poderia
 Tambem dos seus projectos informar-vos;
 Consentio, que tomasse a liberdade
 De introduzir-me occulto na Cidade.

IX.

Hontem quando da noite a sombra escura
 Mais densa as apparencias occultava,
 E dos varios objectos a figura
 Mais facilmente a vista equivocava,
 Sacrificando a vida mal segura
 A's instancias da fé, que me animava,
 Atravessei sem susto dos perigos
 Por entre as mesmas Náus dos inimigos.

X.

E frustrando cautelas, e cuidados
 Dos contrarios, que o rio tem coberto,
 Ora com largos giros simulados,
 Ora occulto nas sombras de mais perto,
 Huns deixando na vista equivocados,
 Outros no som da voz mal descoberto,
 Pude em fim, sem ser delles conhecido,
 Tocar da praya o termo apetecido.

Mas

XII.

Mas pois a forte amiga me concede
 Chegando aos vossos pés, Príncipe Augusto,
 E tão ditosamente em fim succedendo
 Ao perigo o prazer, a gloria ao susto,
 Dos negocios, que trago o peso pede,
 Que prompto vos informe; assim me justo,
 Que em lugar mais occulto, e sosegado
 Possa, Senhor, de vós ser escutado.

XIII.

Approva o Defensor o sabio intento
 Do fiel mensageiro, a quem benigno
 Agradece tão nobre atrevimento
 De hum peito Portuguez projecto digno
 E por frustrar qualquer vil pensamento
 De alguma espia, algum traidor maligno,
 O retira com digo para o Paço
 Onde fôr se entretém sem embaraço.

XIII.

Mas em tanto no campo Castellano
 Onde a fama mais livre discorria,
 Porque o poder do Príncipe tyrano
 A maiores distancias se estendia,
 Já do novo socorro Lusitano
 A noticia patente se fazia,
 E com todo o cuidado se tractava
 De embaraçar-lhe os fins, que projectava.

N

Que

XIV.

Que se deve atacar a Armada Lusa,
 Antes que toque o pórtio da Cidade,
 He geral parecer, que não recusa
 Official de alguma auctoridade;
 Mas se ha de ser no mar, ou quando inclusa
 Já no rio se vir, a variedade
 Faz dos votos, que em varia competência,
 Interpretaõ das armas a sciencia.

XV.

Huns dizem, que será mais vantajoso
 Pelejar no mar largo; porque sendo
 O poder Hespanhol mais copioso
 Mais espaço de frente fica tendo;
 E que dentro do rio embaraçoso,
 Deste excesso valer-se não podendo,
 Perde o corpo da Armada Castelhana
 A vantagem, que faz á Lusitana.

XVI.

Outros dizem, que estando guarnecidas
 As fronteiras do rio de hum dos lados
 Pelas Tropas de Hespanha, e defendidas
 De outra parte com Praças, e Soldados,
 Podem melhor as Náus ser soccorridas
 Em quaesquer lances mal affortunados,
 Combatendo no rio, e desta forte
 Este lugar abonaõ por mais forte.

Foi

XVII.

Foi o voto primeiro do Almirante,
 E varios Capitaens do seu partido,
 A quem de Marte o espirito arrogante
 Incitava a combate mais luzido;
 Mas o voto segundo mais constante
 Aceitação logrou, e foi seguido
 Pelo Rey, que julgou razaõ prudente
 O poder soccorrer a sua gente.

XVIII.

Deraõ-se as ordens, apromptou-se a Armada,
 Escolheu se o lugar mais adequado,
 Para, se acaso fosse derrotada,
 Ter lugar o soccorro meditado;
 A tudo assiste o Rey com desvelada
 Com prudente attençaõ, e no cuidado,
 Das sabias prevençoens, que assim repete,
 Huma certa victoria se promette.

XIX.

Mas naõ menos na gente Portugueza
 Mostrava a prevençaõ os seus effeitos,
 Dispondo-se a favor da mesma empresa
 Por sua parte os meyos mais perfeitos;
 Ajudada do estado a natureza
 Ministrava de todos nos conceitos,
 Para salvar as vidas opprimidas,
 As mais seguras, mais fieis medidas.

XX.

Resolveo-se, que a Armada Lusitana
 Entrasse sem demora, e que evitasse
 Quanto possivel fosse a Castellhana,
 Por mais que esta a combate a provocasse;
 E que sendo atacada a Capitana,
 Ou qualquer outra Náu, não perturbasse
 Este accidente a ordem das mais vélas,
 Inda mesmo no risco de perde-las.

XXI.

Que trabalhasse a toda a diligencia
 Por conseguir do pórtio a liberdade;
 Porque nelle acharia providencia
 De soccorro de toda a qualidade;
 E que augmentada a força na assistencia
 Dos Navios, e gente da Cidade,
 Provasssem todos juntos os perigos,
 Voltando sobre as Náus dos inimigos.

XXII.

Com este aviso parte o mensageiro
 Outra vez para a Armada, e nos cuidados
 Se occupa o Defensor de dar inteiro
 Cumprimento aos preparos meditados;
 Elle quer ser nos riscos o primeiro;
 Elle intenta os trabalhos mais pesados,
 E faz com seu exemplo toda a gente
 Zelosa, firme, forte, e diligente.

Ar-

XXIII.

Armaõ-se as Náus, que havia, armaõ-se as fustas,
 As mesmas barcas se dispõem á guerra,
 Fazem-se promptas, fracas, ou robustas
 Quantas embarcaçoens o pôrto encerra;
 Geme o Téjo debaixo das adustas
 Maons dos duros remeiros, treme a terra
 Com o peso das armas, e soldados,
 Que concorrem á praya alvoroçados.

XXIV.

Todos desejaõ ter parte na gloria,
 De abater os orgulhos inimigos,
 E quando seja incerta huma victoria,
 Todos querem ter parte nos perigos;
 O mesmo Defensor, bem que a notoria
 Afflicçaõ da Cidade, e dos amigos,
 O pertenda impedir, em fim se embarca
 Despresando o rigor da dura Parca.

XXV.

Mas o Genio tyrano, que domina
 As trevas do Cocito, e que aborrece
 A Lusa gente, irado determina
 Impedir-lhe o successo, que appetee;
 Sobre a face do Tejo crystalina
 Rodeado de horrores apparece,
 As agoas turba, offusca a luz serena,
 Commove os ares, tudo desordena.

XXVI.

Vinha surgindo a Armada auxiliadora
 Já no meyo do rio, e alvoroçados
 Com a luz da esperança enganadora
 Se apartavaõ da praya os ftiados;
 Quando o Genio cruel, a quem devora
 Hum desejo immortal de ver frustrados
 Tantos preparos, com impulso horrendo
 Agita os ventos sobre o mar tremendo.

XXVII.

Pela bôca da barra os precipita
 Sobre as miseras Náus, em quem perverte
 A ordem necessária, e facilita
 O combate ás contrarias; depois véte
 Toda a força das furias, que vomita
 Sobre as Náus da Cidade, Armada inerte
 Na sciencia dos ventos, quanto forte
 Em desprezar o risco, o ferro, a morte.

XXVIII.

De balde a força dos robustos braços
 Quer lutar contra o vento, o remo dūro
 Cede á força das ondas; já pedaços
 He o pau, que foi mastro; hum Palinuro
 O leme não regêra; os fortes laços
 Das cordas quebraõ; fuge mal seguro
 Cada vaso, seguindo cégamente
 O destino das agoas inclemente.

Hum

XXIX.

Hum volta sobre a praya, outro apartado
 A corrente do Tejo vai rompendo,
 Tal se encontra na aréa já varado,
 Tal vai de Santarém as torres vendo;
 A Náu grande, em que entáo era embarcado
 O Defensor, fuster-se não podendo,
 Sobre a terra varou; mas felizmente
 Salvou-se o Defensor, salvou-se a gente.

XXX.

Em tanto a Capitania a quem regia
 Ruy Pereyra, Varaõ de grande alento,
 Que por mais volumosa, mais soffria
 Os estragos crueis do fero vento;
 Desordenado o rumo, que seguia
 Impellido do Genio turbulento,
 Entre as Náus inimigas foi levada,
 E logo por tres dellas afferrada.

XXXI.

Não desmaya Pereyra, e largo espaço
 Com forças desiguaes firme resiste;
 Mas cança de ferir o forte braço,
 Bem que o valór constante não desiste;
 Cançado morre de matar: escaço
 Foi com este Varaõ o fado triste,
 Que se as forças no corpo iguaes lhe dera
 A's do valór, tão célo não morrerá.

Ren.

XXXII.

Rende-se a Nau, e tem igual successo
 Outras duas da Armada Lusitana,
 A quem da tempestade o raro excesso
 Levou ás maons da gente Castelhana;
 Continuava a Furia o seu progresso,
 E seria a derrota mais tyrana,
 Se o Genio Tutelar da Lusa terra
 Não fizesse cessar taõ torpe guerra.

XXXIII.

Mas vendo o Sacro Genio do brilhante
 Affento crystalino, que occupava
 No luminoso Olympo, a Armada errante,
 O mar turbado, o rio, que voltava
 Outra vez para traz, que fulminante
 A torpe Furia as Náus precipitava
 Na mais triste ruina, e que nos ventos
 Inspirava a seu gosto os movimentos.

XXXIV.

Com mais rapido vôo, do que o rayo
 A nuvem rasga, sobre o Tejo desce,
 E fazendo de luz alegre ensayo,
 Sobre os hombros dos ventos apparece:
 Quanto nestes foi ira, he já desmayo,
 Cessa o furor, que as aguas intumece,
 Desapparece a Furia com presteza,
 Que a sombra foge á luz por natureza.

Tudo.

XXXV.

Tudo muda de face ; a Armada Lusã
 Segue alegre o seu rumo , a dos contrarios
 Já não ousa segui-la , era confusa
 Inda entã a victoria , e casos varios
 Se viaõ nas tres Náus , que a fama accusa ,
 Largo tempo de empenhos temerarios ;
 Mas renderã-se em fim , já quando a Armada
 Se achava toda livre , e retirada.

XXXVI.

Manda o Rey Castelhanao , que escolhido
 Entre os presos das Náus , algum soldado
 De maior distincção fosse trazido
 Logo á sua presença , e executado
 O mandato Real , foi conduzido
 Para ser do Monarcha examinado ,
 Vasco Leitaõ , em quem a fama pinta
 O valor , e nobreza mais distincta.

XXXVII.

Estava-lhe fazendo attentamente
 O Rey varias perguntas ; quando passa
 Por accaço a Raynha , e ousadamente
 Vasco de lhe fallar pertende a graça :
 A seus pés chega , e logo reverente
 A mãõ lhe beija , que a fortuna escaça
 Não tem poder para fazer grosseiro
 Hum bem criado , e nobre Cavalleiro.

Mas

XXXVIII.

Mas indignou-se o Rey deste cortejo,
 Que devêra louvar; porque imagina,
 Que este obsequio não nasce do desejo;
 Mas do susto sómente da ruina:
 Vós fois, lhe diz, indigno, aquelle bêjo
 He hum bêjo de Judas, que me inclina
 A cortar-vos os beiços, com que ousado
 Profanais o decoro mais sagrado.

XXXIX.

Fingis dar á Raynha os justos cultos,
 Que lhe deveis por vossa Soberana,
 E não tendes vergonha dos insultos,
 Com que a vossa cegueira a fé profana;
 Seguis armado as vozes dos tumultos,
 E julgais, que hum cortejo nos engana;
 Hum Vassallo, que offende a lealdade,
 Insulta quando incensa a Magestade.

XL.

Naõ he isso, responde o Varaõ forte,
 O que entre nós se entende: a fé sagrada
 Nos liga firmemente; e sempre a morte
 Accessa encontra em nós a chama honrada:
 A Raynha devemos desta sorte
 Respeitar por quem he, que a Lusa espacia
 Naõ offende as Senhoras; mas attenta
 Os direitos da patria só sustenta.

Vós

XLIX.

Vós, Senhor, vos privastes do direito
De dominar nos Lusos, quebrantando,
Os sollemnes Tractados, sem respeito
A' vossa mesma fé, precipitando
O tempo estipulado; e no conceito
De huma facil conquista, atropelando
Com as armas na mão, como inimigo,
Os privilegios de hum paiz amigo.

XLII.

Vós nos fazeis a guerra, nós sómente
Defendemos a propria liberdade
A vossa pertençaó faz innocente
A nossa natural fidelidade;
Em nós, esta constancia propriamente
Naõ he orgulho, he só necessidade
De defender a patria, que opprimida
Se vê de armas estranhas invadida.

XLIII.

Se o ser fiel á patria, ser constante
Na fé dos juramentos he delicto?
Réo sou, Senhor, de crime taõ brilhante,
Nem desculpar-me delle sollicito;
Mas se he virtude a fé, se o ser amante
Da patria naõ he culpa, e nisto imitto
Os Varoens mais illustres, certamente
Vós mesmo me honrareis por innocente.

Ouvia

XLIV.

Ouvia o Rey com gesto furioso
 As vozes de Leitaõ ; mas não podia
 Desmentir o caracter luminoso
 Da verdade , que nellas conhecia :
 A Valasco procura impetuoso ,
 O que destes discursos entendia ;
 Aquillo mesmo , diz o nobre velho ;
 Vos temos nós exposto no Conselho.

XLV.

Na verdade , Senhor , os Portuguezes
 Tem alguma desculpa : os seus Tractados ,
 Como dito vos tenho muitas vezes ,
 Foraõ por nós sem causa quebrantados :
 Vós tendes Conselheiros mais cortezes ,
 Que abonaõ esta acçaõ : effes letrados
 Responderãõ , Senhor , com mais clareza
 A's instancias da gente Portugueza.

XLVI.

Indignou-se o Monarcha da resposta ,
 Como já do discurso se indignára ;
 Porque a verdade livremente exposta ,
 Offende do respeito a ley avara :
 Não se convence já , só se desgosta
 Da força da razaõ , que desprefára ;
 Silencio impõem ás vozes de Valasco ,
 E manda retirar o nobre Vasco.

Em

XLVII.

Em prisões rigorosas determina,
Que preso fique, e firmemente jura
Abater da Cidade na ruina
A soberba fatal da Nação dura;
Mais apertado sítio lhe destina,
Novas tropas convoca, a força apura
De todo o seu poder, e nas violências
Se vale até das mesmas indecências.

XLVIII.

Com promessas intenta lisongeiras
Comprar a fé de alguns dos sitiados,
Em quem do brio as chamas verdadeiras
Os fulgores mostravaõ mais cançados:
Tal julgou, a pesar de acções guerreiras,
A Dom Pedro de Castro, e praticados
Os infames ajustes da maldade,
Se pacteou a entrega da Cidade.

XLIX.

Commandava Dom Pedro por desgraça
Huma parte dos muros, e podia
Com qualquer illusão, com qualquer traça,
A perfidia cumprir, que promettia;
Nada os torpes intentos embaraça,
Ajustou-se o lugar, a hora, o dia,
Disposeraõ-se os meços necessarios,
Que nunca faltaõ meços a falsarios.

Assen-

L.

Assentou-se, que a noite gloriosa
 Do faustissimo dia, que nos cultos
 Se illustra da Assumpção prodigiosa,
 Da que de Mãe, e Virgem goza indultos,
 Fosse o termo perfixo á cavillosa
 Execução de intentos taõ occultos,
 E que o sitio seria adonde accesa
 Fosse huma luz farol da torpe empreza.

LI.

Que munidos de escadas os soldados
 Vießem demandar os tristes muros
 Com preciso silencio, que escalados
 Facilmente ferias; pois seguros
 Lhos teria Dom Pedro desarmados,
 Ou postada nos sitios mais escuros,
 Alguma gente sua, que instruida
 Estaria do caso, e prevenida.

LII.

Era complice em crime taõ nefando
 Joaõ Lourenço da Cunha, que já fóra
 Da Raynha viuva de Fernando
 Algum dia Marido, e que a traidora
 Acção sentio taõ pouco, que adornado
 Da mesma injuria a frente soffredora,
 Era a pesar da solida nobreza,
 Escandalo da gloria Portugueza.

Este

LIII.

Este deu a Ruy Freire algum indício
 Das traçoens maquinadas, e seria
 Providencia talvez do Ceo propicio,
 Para frustrar a infame aleivosia:
 Porque o claro Varaõ, que o torpe vicio
 Da perfidia aborrece, e que devia
 Ao nobre Defensor antigo affecto,
 Lhe foi logo dar parte do projecto.

LIV.

Tinha sido por Cunha revelado
 O dia, o sitio, e senha da interpresa,
 E no tempo prescripto examinado,
 Se achou deserto o muro, a luz accesa;
 Acautelou-se logo com cuidado
 O lugar suspeito, e sendo presa
 A gente de Dom Pedro sem ruido,
 Foi o mesmo Dom Pedro sorprendido.

LV.

Chega a gente de Hespanha confiada
 Nas traidoras promessas, esperando
 A muralha encontrar desoccupada,
 Ou guarnecida de hum presidio brando;
 O sitio busca, e quando mal guiada
 Da falsa luz o muro vai tocando,
 Os Lusos ferros vê descer brillantes
 Sobre as tristes cabeças vacilantes.

Huma

LVI.

Huma chuva de tiros de arremeço ;
 Hum diluvio de ferro furioso
 Foi da torpe perfidia o justo preço ;
 Foi o fructo do engano vergonhoso ,
 As escadas serviraõ de tropeço ,
 De embaraço os petrechos ; lastimoso
 Escarmento de idéas fementidas ,
 Que quasi sempre saõ mal succedidas.

LVII.

Sentio o Rey contrario vivamente
 Aquelle máo successo , e mais irado ,
 Na conquista se obstina impaciente
 De hum valor tão activo , e porfiado ;
 Mas naõ menos a raiva infauftamente
 Incita o Genio horrivel , que frustrado
 Tinha visto o desvelo , com que os ventos
 Convocára a favor dos seus intentos.

LVIII.

Mil idéas na mente revolvia
 De vingança cruel , estragos varios ,
 Varios modos de guerra discorria ,
 Para perder os Lusos temerarios ;
 Abater-lhe os alentos naõ podia ,
 Que saõ dotes do fado extraordinarios ;
 Mas por meyo de astucias meditava
 Maquinar-lhe a ruina , que intentava.

LIX.

Das cavernas funestas, em que habita,
 Triste esfera de angustias, e de horrores,
 Sáhe a Furia cruel, e se habilita
 Para soffrer do Sol os resplendores,
 As negras azas ferozmente agita
 Por entre nuvens de infernaes vapores,
 Sobre os ares se eleva, e de mais perto
 Observa da Cidade o triste aperto.

LX.

Vio os duros estragos, que soffria
 O miseravel povo; mas que ousado,
 Os rigores da morte preferia
 A' vil escravidão, vio, que abraçado
 De hum generoso ardor, não desistia
 Da constancia primeira, e que indignado
 Das mesmas vexações, só receava
 A fome, que a sentir principiava.

LXI.

Vio quanto aquelle susto era prudente
 Na falta já sensível de alimentos;
 Pois a pesar de hum zêlo providente,
 Eraõ quasi no fim os mantimentos,
 Conheço, que seria brevemente
 A ruina geral, se os provimentos
 Não entrassem de fóra, e deste aviso,
 Que se aproveite o Rey julga preciso.

LXII.

De humano vulto finge as apparencias,
 A voz, e o gesto imita de Artimáde,
 E mentindo suppostas negligencias,
 Se publica fugido da Cidade:
 Era Artimáde hum velho, que as sciencias
 Cultivava com rara habilidade,
 E que seguindo o Rey, como Engenheiro,
 Fora feito dos Lusos prisioneiro.

LXIII.

Como tal foi no campo recebido,
 Festejado por todos, e levado
 A' presença do Rey, que prevenido
 Fora logo do caso inopinado;
 Delle pertende o Rey ser instruido
 Com clareza maior, e perguntado
 Em diversas materias, tudo explica
 Com rasoens, que a prudencia justifica.

LXIV.

Mas notando, que o genio vingativo
 Do Rey feroz mais ira respirava,
 Que maduro conselho; e que por vivo,
 Das cautelas talvez se descuidava;
 Do seu zêlo tomando por motivo
 A noticia completa, que affectava
 Do estado da Cidade, astuto pede
 Licença de fallar, que o Rey concede.

Logo

LXV.

Logo o perfido gesto accomodando
 As cautelosas vozes, que medita,
 Affim vai o veneno derramando
 Nos ouvidos, que o Rey lhe facilita:
 Vós, Senhor, bem sabeis, que o genio brando
 O meu vicio não he, nem me habilita
 Para conselhos froxos; mas a gloria
 He quasi sempre o fructo da victoria.

LXVI.

O valor he louvavel; mas prudente
 Deve ser o valor; que de outra sorte
 Não he virtude, he vicio, que desmente
 O caracter feliz do Varão forte:
 Desprezar pela gloria illustremente
 A despeza, o trabalho, o risco, a morte,
 He empenho de Heróes; mas sem proveito,
 Não merece a braveza tal conceito.

LXVII.

Vós, Senhor, abraçado em chama pura
 De bellicoso ardor, contra a Cidade
 Fulminais ha seis mezes guerra dura
 Com trabalhos de toda a qualidade:
 Mas tão poucas vantagens nos procura
 Esta nossa porfia, que a verdade
 Nos obriga a dizer, que os Portuguezes
 Nada têm afroxado em tantos mezes.

LXVIII.

He grande a guarniçaõ, naõ desfalece
 Na repetida furia dos assaltos,
 Nem a morte de poucos enfraquece
 A multidaõ, que borda os muros altos:
 Se a Cidade algum damno assim padece,
 Todo o damno consiste em sobrefaltos,
 E naõ póde render-se desta forte
 Huma Naçaõ feroz, hum povo forte.

LXIX.

Mas póde ser, Senhor, que se confira
 Aquelle mesmo fim bem facilmente,
 Sem desconto de risco, ou de fadiga
 A favor de outro meyo mais prudente;
 Neste assedio sómente se profiga
 Com precisa exacçaõ, e brevemente
 Se verá quanto mais, que a guerra dura,
 He funesta á Cidade a fome pura.

LXX.

Eu, Senhor, a pesar do triste estado
 De captivo, e de preso, em que gemia;
 Tenho bem fixamente calculado
 O poder de hum paiz, que descobria;
 Sei, que he grande o presidio, que animado
 A morrer pela patria parecia;
 Mas sei tambem, que a falta de alimentos
 Lhe assusta fortemente os pensamentos.

Elles

LXXI.

Elles tem varias vezes conseguido,
Com injuria das armas de Castella,
Provimento de fóra, introduzido
Pelo Tejo, de noite, com cautela;
Mas se o nosso cuidado prevenido
Em guardar este passo se desvela,
Precisamente a fome na Cidade
Se ha de sentir com muita brevidade.

LXXII.

Eu sei, que já com menos abundancia
Se reparte o preciso mantimento,
Que o governo com cauta vigilancia
Faz dispender do povo no sustento:
Sei que apenas com grande repugnancia,
Se concede bem pouco; em que argumento
Huma falta geral, ou já presente,
Ou que está pelo menos imminente.

LXXIII.

Ella será de todo inevitavel,
Se o soccorro, Senhor, se lhe embarça,
Diligencia a meu ver tão praticavel,
Que de possivel a ser facil passa;
Este arbitrio se observe, e responsavel
Eu ferei da fortuna, ou da desgraça
Desta empreza; porém com tal contracto,
Que ha de ser o cuidado o mais exacto.

Disse

LXXIV.

Disse, e logo de todos approvado
 Foi o seu parecer, logo applaudido
 Pelo mesmo Monarcha interessado
 Na esperanza, que havia concebido;
 Logo manda, que seja executado
 O projecto fatal, logo escolhido
 Para ser director daquelle empresa
 Foi o perfido auctor desta destreza.

LXXV.

Elle as guardas dispoem, elle vigia
 Sobre a sua exacção, elle acautela
 Os passos todos, elle desconfia
 De qualquer movimento, elle atropela
 As diligencias todas, que podia
 Intentar o presidio, e se desvela
 Tanto neste cuidado, que frustrada
 Lhe faz toda a esperanza imaginada.

LXXVI.

Assim se vio logrado brevemente
 O tyrano projecto, e na Cidade
 Se fez logo sentir amargamente
 Da triste fome a torpe atrocidade;
 A mesma copia da cercada gente
 Aprestava a geral calamidade,
 E foi precisa a dura providencia
 De recusar de alguma a subsistencia.

Expul-

LXXVII.

Expulsou-se dos muros com effeito,
 Alguma gente inutil, foi forçoso
 Matar as bestas, e tirar proveito
 Das suas carnes, fez-se industrioso
 Paõ de varias materias, em defeito
 Do paõ commum, e nada fructuoso
 Põde ser muito tempo; porque a fome
 Tudo devora em fim, tudo consome.

LXXVIII.

Já sem rebuço, a pálida indigencia
 Se descobre patente; já se escuta,
 A pesar dos esforços da paciencia,
 O clamor da miseria; já reputa
 Impossivel o povo a providencia,
 E do mesmo governo a mente astuta,
 Já não pôde occultar, por mais que faça,
 Os horrorosos golpes da desgraça.

LXXIX.

Viaõ-se os innocentes desmayados,
 Entre os braços das Mãys inutilmente
 Inda presos aos peitos já privados
 Do suco natural conveniente;
 Viaõ-se os tristes velhos encostados
 Nas paredes das casas froxamente
 Respirar, sem mover-se intropecidos
 Da fraqueza, a que estavaõ reduzidos.

Viaõ-

LXXX.

Viaõ-se já prostrados, macilentos,
 E sem forças os mesmos mais robustos,
 A quem da morte os tristes pensamentos
 Já mais no coração causaraõ sustos;
 E supposto, que os nobres soffrimentos,
 A pesar dos estragos mais injustos,
 Os fizessem constantes, bem se via
 Já no rosto de todos a agonia.

LXXXI.

Convoca o Defensor os mais prezados,
 Mais illustres varoens, de quem confia
 Os segredos mais puros, mais guardados,
 Em obsequio da fé que lhes devia;
 E mandando, que todos socegados,
 Attenção lhe prestassem, pois queria
 Ouvir depois a todos, desta sorte
 Principia a fallar o Varaõ forte.

LXXXII.

Vós, Senhores, sabeis o triste aperto,
 Em que todos nos vemos, a pobreza,
 Em que geme a Cidade, o desconcerto,
 Em que o povo fluctúa, na incerteza
 Do sustento preciso, o pouco acerto
 Dos arbitrios fundados na destreza
 De occultas diligencias, nem preciso
 Vos he nesta materia mais ayiso.

LXXXIII.

Se algum de vós, em tanta desventura
Algun meyo discorre praticavel,
Com que possa a Cidade mal segura
Por mais tempo fazer-se defensavel,
Cada qual, a favor da chama pura,
Que em nós accende o zêlo mais louvavel,
O seu voto declare, e se profiga,
Nos nobres meynos da constancia antiga.

LXXXIV.

Mas se em tanta desgraça já não resta
Esperança de algum soccorro humano,
E na luz da razão se manifesta
Inevitavel o presente damno,
Menos triste será, menos funesta
Nos apertos de hum risco tão tyrano,
Huma morte por armas gloriosa,
Do que em froxa inacção injuriosa.

LXXXV.

Antes que a torpe fome inteiramente
Nos precipite em languidos desmayos,
E se faça a ruina mais patente
Da fraqueza nos ultimos ensayos,
Procuremos ao menos dignamente
Vender as vidas, e nos claros rayos
Da gloriosa chama das vinganças
Abrazemos as nossas esperanças.

Hum

LXXXVI.

Hum só recurso tem os desgraçados
 Nos extremos maiores, que consiste
 Em poder, de huma vez, desesperados
 Arriscar sem reparo a vida triste,
 E se o rigor cruel dos duros fados,
 A que poder humano não resiste,
 Precisa faz a perda da Cidade,
 Perca-se a vida com a liberdade.

LXXXVII.

Decida de huma vez o ferro agudo
 A disputa cruel, dicte a fortuna
 A sentença fatal, perca-se tudo,
 Ou tudo se restaure; huma opportuna
 Temeridade he gloria; o nobre estudo
 De hum arrôjo feliz foi a columna,
 Com que Cesar susteve diligente
 O seu poder já quasi decadente.

LXXXVIII.

Provemos o que póde a força dura
 Da desesperaçã; rompa-se o laço
 De huma triste cautela mal segura,
 Que já agora só serve de embaraço;
 Ou vencer, ou morrer com gloria pura
 Seja em fim permittido ao Luso braço;
 Com as armas na mão se acabe a guerra,
 Ou se morra, ou se salve a patria terra.

Este

LXXXIX.

Este o meu parecer ; agora diga
 Cada qual o que o zêlo fervoroso
 Lhe dictar a favor da glória antiga
 Do nome Portuguez sempre famoso ;
 Que , ou na guarda dos muros se profiga,
 Ou se approve projecto mais lustroso,
 Eu farei o primeiro em qualquer parte,
 Que a frente insulte do soberbo Marte.

XC.

Disse , e todo o congresso alvorçado
 Applaudio o seu voto ; e resolvido
 Foi por todos , que fosse executado
 Sem demora projecto tão luzido ;
 Mas havendo depois bem ponderado
 O poder dos contrarios tão crescido,
 Houve quem discorreo ser opportuno
 Dar aviso do caso ao grande Nuno.

XCI.

Era Nuno da gente Portugueza
 Esperança segunda , e guarnecia
 De Alemtejo a Provincia onde a dureza
 De seus golpes Hespanha já temia ;
 E podendo-se achar na dura empreza
 Assistido das armas , que regia ,
 Na diversa das forças Castelhanas
 Faria grande amparo ás Lusitanas.

Logo

XCII.

Logo toda a Assemblêa acordemente
 Este arbitrio adoptou com tanto excesso ;
 Que já d'elle reputa dependente
 Do primeiro projecto o bom successo ;
 Mas notando, que o tempo competente
 A demora do aviso em seu progresso
 A Cidade arriscava á contingencia
 De faltar-lhe de todo a subsistencia ;

XCIII.

Segunda vez se ordena , que expulsada
 Fosse logo dos muros opprimidos
 Toda a gente de inutil accusada ,
 Ou menos propria a riscos taõ subidos ;
 Mas apenas das portas separada
 Era a triste porçaõ dos expellidos ,
 Quando se vio gemer em duros laços
 Entregue á furia de inimigos braços.

XCIV.

Naõ fez grande impressaõ este accidente
 No constante presidio ; porque a forte
 Dos primeiros expulsos lhe desmente
 Todo o risco , que affusta o peito forte ;
 Tinha sido levada aquella gente
 Entre ameaços de prisaõ , ou morte
 A^c presença do Rey , mas despedida
 Foi toda livre, toda soccorrida,

Igual

XCV.

Igual successo agora se esperava,
Porém não foi assim, porque Artimade,
Ou o genio feroz, que se occultava
No seu perfido vulto, a liberdade
Affectando do zêlo, que inculcava
No commettido assedio da Cidade,
Dos expulsos se entrega, e lhe destina
A mais infame, mais cruel ruina.

XCVI.

Manda, que fossem todos açoutados
Defronte das muralhas, que o sustento
Defendido lhe fosse, e que levados
Junto das portas neste abatimento,
Alli fossem com guardas observados,
Athé, que a duraçaõ de hum tal tormento
Os podesse extinguir, ou conseguisse,
Que a Cidade outra vez os consentisse.

XCVII.

Naõ póde mais soffrer o Genio claro,
Que a guarda tem da gente Portugueza,
E prompto implora o Sacrosanto amparo
Do Soberano Auctor da Natureza:
Supremo Deos, lhe diz, principio raro
Dos entes todos, immortal grandeza,
A quem o Céu se prostra, a terra adora,
Respeita o mar, e quem nas trevas mora.

Por

XCVIII.

Por ti, Senhor, me foi em sorte dada
 A protecção da Lusá Monarchia,
 Por ti a firvo, por ti mesmo amada
 He de mim esta gente: a vil porfia
 De huma guerra cruel, e dilatada
 A tem quasi perdida; mas soffria
 Este golpe o meu zêlo, porque os damnos
 De huma guerra são sorte dos humanos.

XCXIX.

Porém, que as Furias do soberbo Inferno
 Façam guerra tambem á Lusá gente,
 He insulto, Senhor, que hum Deos Eterno
 Deve vingar com braço Omnipotente:
 Como pôde, Senhor, o peito terno
 De hum Deos benigno, recto, e providente
 Consentir tal excesso? Acaço a terra
 Em si males bastantes não encerra?

C.

He preciso, que os Genios infernaes
 Se armem contra Lisboa? O duro effeito
 Da ambição, e vingança entre os mortaes
 Necessita de auxilio? O fero peito
 De hum Rey tyrano os meynos naturaes
 Ignora do rigor? Hum tal conceito
 Só o pôde formar o Genio escuro,
 Que o campo infesta com influxo impuro.

CI.

A ti, Senhor, pertence a providencia
Deste caso fatal: os teus projectos
Nã se pódem mudar, que a Omnipotencia
Nã varia já mais os seus decretos;
Por ti firmada foi a subsistencia
Do Trono Portuguez; os indiscretos
Empenhos, que se oppoem á tua mente
Devem ser castigados duramente.

CII.

Ouvio o grande Deos o rogo puro
Com benigna attençaõ, e socegado
Lhe responde: Nã póde o Genio escuro
Alterar o destino; he bem frustrado
O seu desvelo, o seu trabalho duro
Contra as leys immortaes do claro fado;
Mas a sua soberba, e falsidade
Provarãõ do castigo a gravidade.

CIII.

Tu lhe vai intimar da minha parte,
Que o campo largue, e no fatal momento
Nova porçaõ de penas lhe reparte,
Com que pague taõ louco atrevimento,
E pois que as iras do cruento Marte
Adoptaráõ taõ perfido instrumento;
Provarãõ igualmente os Castelhanos
De humta tal companhia os justos danos.

Isto

CIV.

Isto dizendo, sem demora chama
 Hum dos Genios, a quem foi dado em fórte
 O fazer mal á terra, e que derrama
 Sobre os mortaes a dor, a peste, a morte;
 Vai, lhe diz, sobre o campo; alli te inflâma
 De terrivel furor, de impulso forte
 Os teus golpes dispára sobre as tendas,
 Só do Rey a pessoa não offendas.

CV.

Voaõ ambos os Genios promptamente
 A cumprir seu destino, hum executa
 Sobre a Furia a sentença, outro inclemente
 Sobre as tendas inclina a resoluta
 Pesada maõ, que os golpes tristemente
 Multiplica no campo sem disputa,
 Sendo de golpes taes rara a ferida,
 Que não custe a Castella alguma vida.

CVI.

Fez-se logo no campo formidavel
 Da dura peste o rapido progresso;
 Pois sem descanso a Parca inexoravel
 Se vê cortar das vidas o processo:
 Nem sómente no vulgo miseravel
 O contagio se observa, igual successo
 Tem os mais pobres, mais desamparados,
 Que os mais servidos, e mais bem tractados.

Já

CVII.

Já o grande Toledo, o bravo Lara,
 O nobre Sandoval, o bom Sarmento,
 O Famoso Thoar a vida clara
 Tem rendido, nem pôde o forte alento
 De Valasco evitar a sôrte avara,
 Nem Samora Varaõ de alto talento,
 A quem fez Alverneda companhia
 Com Benavides, Roxas, e Mexia.

CVIII.

Já vinte vezes cem bravos soldados
 Eraõ mortos no campo, e cada Aurora
 Mais duzentos mostrava separados
 Do commercio dos vivos, já devôra
 O funesto pavor os mais ousados;
 Já toda a tropa desmayada chora
 O seu triste destino; mas no peito
 Do Rey tyrano nada faz effeito.

CIX.

Conselhos, rogos, lagrimas, gemidos,
 Inutil tudo he, elle se obstina
 Cada vez mais, nem quer prestar ouvidos
 A's lamentaveis vozes da ruina:
 Nada lhe afroza os odios concebidos;
 Porque a torpe ambiçaõ, que lhe domina,
 O coraçãõ, os meyos lhe embarça
 De conhecer o peso da desgraça.

P

Mas

CX.

Mas o braço potente, que opprimia
 A soberba Hespanhola, e não cessava
 De tirar sobre as tendas, cada dia
 Os seus golpes fataes multiplicava;
 E fazendo mais certa pontaria
 Sobre a tenda Real, onde se achava
 A formosa Raynha, a fere attento
 De hum golpe não mortal, porém violento.

CXI.

Este tiro levou a liberdade
 A famosa Lisboa; porque o fusto
 Pôde em fim dominar a crueldade
 No coração feróz do Rey injusto:
 Retirar-se resolve da Cidade
 No silencio da noite: o muro angusto
 Prova o doce socego, e o campo nobre,
 Livre, a luz matutina em fim descobre.



FIM DO CANTO V.

A LIBERDADE

CANTO VI.

ARGUMENTO.



LEVANTADO o cerco de Lisboa, o povo alborocado, com a liberdade, sabe ao campo a ver, e notar o sitio, em que estiverão os inimigos: mas no rio se conservava a Armada de Castella, e alli se ouvem tocar trombetas, que obrigaõ o Defensor, e os Soldados a concorrer á praya, donde observaõ, que o ruido vem todo de hum pequeno batel, que vem passando pelo meyo da Armada Castelhana, conduzindo muito pouca gente, e no meyo della hum Cavalleiro armado todo, e a cara coberta com a viseira do Elmo. Chega em fim á praya este Cavalleiro, que se reconhece ser o grande Nuno Alvares Pereira, que vai cortejar o Defensor, e dar-lhe parte das suas expediçoens. Conta-lhe como passan-

do ao Alemtejo, ajuntára hum pequeno Exer-
cito para soccorrer Fronteira; susto dos Solda-
dos, pratica de Nuno; victoria dos A:oleiros,
e soccorro de Fronteira. Parte Nuno a dar gra-
ças a Deos ao Templo de Assumar, que acha
profanado pelos Castelhanos, que delle haviaõ
feito Cavalhariça, e o faz limpar. Passa a Evo-
ra, livra Alvaro Gonçalves da maõ dos Cas-
telhanos, e sabendo da Armada, que se apa-
relha no Porto, parte aquella Cidade para em-
barcar-se nella; mas chegando a Coimbra, sabe
ser já partida, e que arribára a Buarcos, on-
de pretende hir embarcar; mas o General da
Armada o não espera. Volta para o Alemtejo,
e no caminho toma hum grande comboy de Cas-
tella. Chegado ao Alemtejo recupera a Praça
de Monsaras. e desbarata Castanheda, Gene-
ral Castelhana, e depois deste, a outro chama-
do Sarmiento. Marcha sobre Palmella, e toma
esta Praça, onde recebe o aviso do aperto da
Cidade, e da resolução do Defensor, de ata-
car os Castelhanos no campo; mas quando se pre-
para a passar, recebe a noticia de ser le-
vanteado o Cerco, e se mette com pouca gente em hum
batel para passar a Lisboa de madrugada; mas
amanhecendo lhe no meyo da armada Castelha-
na, manda tocar as trombetas, o que mette em
confusão os Castelhanos, e Nuno chega feliz-
mente á praya.



A LIBERDADE

CANTO VI.

Illuminava o Sol da bella Astrea
 A celeste morada, e das antigas
 Nonas o dia assignalava a idéa
 Da duração do mez, quando as fadigas
 Da guerra dura, da miseria feia,
 Motivadas das armas inimigas,
 A Cidade deixáraõ finalmente
 Respirar sobre a terra alegremente.

Abrem-

II.

Abrem-se as portas, corre alvoroçada
 A gente Lusa, a ver desempedido
 O patrio campo, a terra aliviada
 Do peso duro do arrayal temido:
 Qual de ver as trincheiras mais se agrada,
 Qual das tendas o sitio aborrecido;
 E cada qual recorda em cada passo
 Hum passado perigo, hum embaraço.

III.

Aqui, dizia algum, me vi hum dia
 Cahido neste fosso, alli cercado
 De Castelhanos, outro respondia,
 Me vi quasi perdido; alli deixado
 Fui por morto, contente repetia
 Algum já livre, e saõ, e do passado
 Perigo na lembrança mais gostosa
 Se faz a liberdade, que se goza.

IV.

Prefistia, com tudo, inda o bloqueio
 Pela parte do mar, porque occupava
 Do crystalino Téjo o aureo seyo
 A Castelhana Armada, em quem durava
 A constancia primeira, sem receyo
 Dos perigos, que a terra ameaçava,
 Insistindo no damno da Cidade
 Com insultos de toda a qualidade.

Ouvem-

V.

Ouvem-se neste tempo os eccos duros
 Das trombetas soar naquella parte,
 Alvorossam-se os Lusos mal seguros,
 Novo risco suppoem do fero Marte;
 Fecham-se as portas, outra vez dos muros,
 Pelo recinto a gente se reparte;
 Mas para a praya vêm chegar sómente
 Hum pequeno batel com pouca gente.

VI.

Hum Varaõ Magestoso se descobre
 A bordo do batel, a quem parece,
 Que os outros obedecem; porém cobre
 De huma viseira o rosto, e não conhece
 Alguem quem elle seja: hum talhe nobre
 O distingue sómente, e lhe merece
 As attenções dos Lusos, que pasmados
 Pela borda da praya estão postados.

VII.

Já chega junto á terra, he Nuno, grita
 O grande Defensor, he Nuno, he Nuno,
 Nem podia ser outro; o affecto incita
 O Varaõ a mostrar-se: o grande alumno
 Apparece de Marte, e precipita
 O corpo do batel taõ opportuno,
 Que saltou justamente, onde se achava
 O Defensor, que os braços lhe alargava.

Bem

VIII.

Bem vê Nuno qual honra lhe destina
 Do Principe benigno o claro peito;
 Porém cumprir primeiro determina
 Os sagrados deveres do respeito;
 Para beijar-lhe a mão attento inclina
 Sobre a terra o joelho, mas já feito
 Era o laço feliz, com que a bondade
 Do Defensor lhe impede a liberdade.

IX.

Que pertendes, lhe diz internecido
 O Principe modesto? Hum Varaõ forte
 De taes palmas, e louros revestido
 Se abate assim vendido desta sorte?
 A mim, que nestes muros recolhido
 Não tenho obrado acção, que á Patria importe?
 Esperavas que fosse tão ingrato,
 Que te soffresse tão humilde trato.

X.

Não, meu Principe, não, torna gostoso
 O grande Nuno, em vós não ha defeito;
 Nem o póde em mim ser o decoroso
 Empenho dos meus cultos: o respeito
 Não me impede a ternura; o fervoroso
 Ardor de vos servir, faz no meu peito
 Disputar-se com digna competencia
 A fé, o amor, o zelo, a reverencia,

Vós

XI.

Vós deveis permittir, que eu satisfaça
 Hum tão justo dever: do Luso Estado
 Vós fois hoje a cabeça, e na desgraça
 Em que o Reyno se vê despedaçado
 Por hum scisma infeliz, quem se embaraça
 Nos tributos da fé, mal declarado
 Deixa o seu sentimento, e não consente
 O meu zêlo, defar tão indecente.

XII.

Disse, e quasi a pesar do generoso
 Modesto Defensor, a mão angusta
 Reverente lhe beija; logo airoso
 Se levanta da terra, e dando a justa
 Attenção aos amigos, vai gostoso
 O terror dissipar, que o povo affusta;
 Fazendo ver a todos, que o rebate
 Incitava a prazer, não a combate.

XIII.

Volta depois já livre de embaraços
 A' presença do Principe, que aperta
 Outra vez o Varaõ nos fortes braços;
 Com ternura mayor, mais descoberta;
 Mas depois que a soltar os doces laços
 O claro Defensor enfim acerta;
 Informar-se pertende dos progressos
 Das suas armas, e dos seus successos.

Vós

XIV.

Vós sabeis, lhe diz Nuno, que obrigado
 De hum zêlo puro, de hum desvelo ardente
 Pela gloria da Patria, acompanhado
 Mais de instrucçoens, e de ordens, que de gente,
 Partí desta Cidade encarregado
 De animar com soccorro diligente
 A Provincia, que fazem taõ ufana
 As correntes do Tejo, e Guadiana.

XV.

Fui pois, Senhor, daqui para a Cidade,
 Que algum dia Sertorio fez famosa,
 Allí fiz ajuntar com brevidade
 Alguma gente armada, e valorosa;
 E confirmado o povo na vontade
 De dar a vida pela fé gloriosa,
 Marchei para Estremôz, onde esperava
 Alguma gente mais, que allí chamava.

XVI.

Foi pouca, a que chegou, porque o receyo
 Do poder inimigo já visinho,
 Tinha por toda a parte o povo cheyo
 De horror, e confusaõ; nem já caminho
 Havia algum seguro, pois no seyo
 Da Provincia, com torpe desaliño,
 Perturbava a perfidia petulante
 Dos fieis nacionaes a fé constante.

XVII.

Alli tive noticia, que do Crato
 Catraleucas Cidade de algum dia,
 Praça agora de Hespanha, por contracto
 Contra a fé, que á Nação guardar devia,
 Se avançava com bellico apparatus
 Muita gente inimiga, que entendia
 Empregar-se no cerco de Fronteira
 Villa nossa fiel, e verdadeira.

XVIII.

Affentei de impedir-lhe aquella empreza;
 Bem que falto de forças competentes;
 Mas o zêlo da gloria Portugueza
 Me inspirava projectos taõ valentes:
 Chamei a minha gente, e com pureza
 Lhe expuz os meus intentos; fiz patentes
 As razoens deste empenho, e dos motivos;
 Que deviaõ fazer-nos mais activos.

XIX.

Representei-lhe as vidas, as fazendas
 Expostas ao furor dos inimigos,
 As consortes, os filhos, as vivendas,
 A ruina do ferro, e dos castigos,
 A patria liberdade, entre as horrendas
 Sombras da escravidãõ, os bons amigos
 De contrarios cercados; porém nadã
 Pôde animar a Trópa desmayada.

Hum



XX.

Hum silencio sombrio, hum pavôr triste
 Todo o Campo occupava, e sem effeito
 Me cansava em move-lo: elle presiste
 Largo tempo calado, e emfim desfeito
 Da vergonha o reparo, em que consiste
 Toda aquella inacção, o seu conceito
 Cada qual deixa ver, e claramente
 Se escusa de seguir-me a mais da gente.

XXI.

Eu notando, que o amor, que o zêlo puro
 Da patria liberdade não bastava,
 Que era inutil o rogo, e mal seguro
 O respeito; que o fusto atropellava
 Os deveres mais santos, que era duro
 Forçar tantas vontades; mas que eu dava
 Hum terrivel exemplo, se cedia
 Do primeiro projecto, que emprendia;

XXII.

Vendo, acaso, hum regato, que bem perto
 De nós guiava a placida corrente,
 E traçava em redor do Campo aberto,
 Huma linha de prata transparente,
 Cortando do discurso o fio incerto,
 Passei ao lado opposto, e tendo em frente
 A desmayada Trópa, desta forte
 Lhe fallei resolutto ao ferro, e á morte.

Eu

XXIII.

Eu não pertendo ser acompanhado
Por coraçãos forçados, esta empreza
He só digna de quem vive inflamado
De hum nobre ardôr de gloria Portugueza:
Quem não sente este impulso, ou penetrado
Se vê de hum pavôr torpe, a fortaleza
Não perturbe dos mais; pôde ausentar-se,
Vá bem longe de nós acautelar-se.

XXIV.

Mas se alguns Portuguezes verdadeiros,
Que eu sei, aqui os ha, querem ter parte
Na gloria desta acção, e companheiros
Querem ser no valôr, que o claro Marte
Me inspira neste instante, dos primeiros
Se affastem logo, cada qual se aparte;
Passe o regato, quem seguir-me intenta,
Fique, quem de ficar mais se contenta.

XXV.

Maravilhoso effeito da vergonha!
Que mais do que o valôr, mais do que o zêlo,
Pôde ás vezes nos homens! sem que eu ponha
Mais diligencia alguma por movê-lo,
O Campo passa inteiro; que eu disponha
Quer já do seu destino, e com desvelo,
Cada qual se adianta a persuadir-me
Do dezejo, que inculca de seguir-me.

Dei

XXVI.

Dei a todos mil graças, mil louvores
 Por tão briosa acção; mas brevemente
 Querendo aproveitar os seus ardores,
 Fiz pôr o Campo em marcha diligente;
 Já soavaõ trombetas, e tambores
 Na estrada de Fronteira, já contente
 A gente parecia, e desejosa
 De aventurar a forte duvidosa.

XXVII.

Quando ao longe se mostra hum Cavalleiro,
 Que a toda a rédea para nós corria,
 E na pressa, e no traje hum mensageiro,
 Ou Correio de Campo parecia;
 Chegou em fim a nós, e verdadeiro
 Postilhaõ disse ser, e que trazia
 Para mim hum recado; eu me adianto,
 Mas o vê-lo me faz horror, e espanto.

XXVIII.

De meu Irmaõ D. Pedro era hum criado,
 Com que vergonha, com que raiva o digo
 De meu Irmaõ, que cego, e mal guiado
 Vinha mandando as armas do inimigo:
 Por ordem sua vinha encarregado
 De encarecer-me a força do perigo,
 A que expôr-me queria, e se podesse
 De tentar-me por parte do interesse.

Naõ

XXIX.

Não acabei de ouvir huma Embaixada
 Taõ infame, taõ vil, taõ indecente,
 Que igualmente offendia a fé sagrada,
 Que insultava o valôr do peito ardente,
 Cortei-lhe o fio, e mal dissimulada
 A colera, na voz impaciente,
 O Mensageiro envio da proposta
 Com esta breve, e solida resposta.

XXX.

Dizei a meu Irmaõ, que eu não pertendo
 Seguir seus pareceres, nem preciso
 Das suas paixoens; que desattendo
 O seu torpe conselho, e seu aviso,
 Que cuide mais em si, porque eu entendo
 Fazer-lhe ver bem cedo o prejuizo
 Da sua opiniaõ; e vós agora
 Correi, porque eu vos sigo sem demora.

XXXI.

Assim o fiz; mas sendo o meu recado
 Dos contrarios no Campo recebido,
 Pelos Chêfes das Trópas ponderado,
 E com votos diversos discutido,
 Bem que fosse de muitos reputado
 Hum ameaço vaõ, mal entendido,
 Assentou-se por fim, que eu poderia
 Sustentar a promessa, que fazia.

XXXII.

E julgando preciso anticipar-se
 A ganhar hum terreno, onde mais certa
 A vantagem podesse assegurar-se
 Do numero mayor, que descoberta
 No seu partido estava, e dilatar-se
 Em Campina mais rafa, mais aberta
 Abandonando o sitio, que formavaõ,
 Contra nós igualmente se avançavaõ.

XXXIII.

Duas milhas, ou menos de distancia
 De Fronteira se achava a minha gente,
 E com mostras de zêlo, e de constancia
 Mais ousada marchava, mais contente,
 Quando a bellica rouca consonancia
 Das trombetas contrarias se pressente,
 Acompanhada do tumulto vago,
 Com que Marte annuncia o fêro estrago.

XXXIV.

Fiz alto, dei as ordens necessarias
 Para a proxima acção, e furiosa
 Se seguiu promptamente; porque as varias
 Soberbas gentes, que na portentosa
 Multidão confiadas, as contrarias
 Bandeiras vem seguindo, a valorosa
 Condição de tão poucos não temendo,
 Sobre nós sem demora vem correndo.

No

XXXV.

No Campo, que se diz dos Atoleiros
 Se trava em fim a bellica disputa,
 Gonçalves de Sevilha entre os primeiros
 Mil estragos nos nossos executa;
 Eu o vi, de tres golpes, tres guerreiros
 Derribar com acção tão resoluta,
 Que me pôde fazer a mão pesada
 Se não inveja, emulação honrada.

XXXVI.

Puz-me diante d'elle ousadamente
 A pé, como me achava, e logo a lança
 Contra mim fulminando impaciente
 Atropellar-me intenta sem tardança,
 Mas, bem que foi o golpe tão valente,
 Que a ferir-me no peito o ferro alcança,
 A resposta foi tal, que lança, e braço
 Lhe foi cahir dalli não curto espaço.

XXXVII.

Alvoroçou-se toda a gente Lusa
 Com a vista do golpe venturoso,
 Já não teme a vantagem, nem recusa
 Qualquer lance por forte, ou perigoso;
 Qual busca o mayor risco entre a confusa
 Competencia dos golpes, qual raivoso
 Pelos ferros se mete, e finalmente
 Cada qual vence, ou morre illustremente.

Q

Mas

XXXVIII.

Mas não menos nos peitos dos contrarios
 Ardem chamas vorazes de vingança,
 Obrando cada qual excessos varios;
 Produzidos da raiva, e da esperança;
 A vantagem lhe inspira os ordinarios
 Esforços naturaes da confiança;
 E desprezando as nossas ousadias,
 Opprimi-las esperaõ nas portias.

XXXIX.

Indecisa a Victoria largo espaço
 Hum, e outro partido attenta olhava,
 Já benigna ao valor do Luso braço,
 Já propicia ao poder, que respeitava;
 Quando vendo durar este embaraço,
 O Gram Mestre gentil de Calatrava,
 Com impulso feroz, e destemido
 A quiz fazer entrar no seu partido.

LX.

Qual o bravo Leão, que encarniçado
 O rebanho das rezes vai rompendo,
 Deixando alli hum touro esquarterado
 Outro acolá nas garras desfazendo,
 Confunde, assulta, precipita o gado
 No pavor mais funesto, mais horrendo,
 E mais inda que o damno, faz sensivel
 A desordem mais triste, mais terrivel.

Tal

XLI.

Tal o forte guerreiro enfurecido
 Pelos nossos Soldados vai entrando
 Hum deixando de hum golpe mal ferido,
 Outro de hum duro encontro atropellando,
 Revolve tudo, tudo confundido
 Precipita no horror, que vai causando,
 E cobrindo de horror a Trópa triste,
 Tudo lhe foge, nada lhe resiste.

XLII.

De sangue, e pó coberto, infaciavel
 De feridas, e mortes, cobicofo
 De vingança, e de gloria, impenetravel
 A golpes ordinarios, só gostoso
 De encontrar resistencia mais notavel,
 O Campo corre todo, e furioso
 Por toda a parte a plebe atropellando,
 Os Capitaens mais fortes vai buscando.

XLIII.

Encontrou-se comigo, o foi no acerto
 Mais ditosa, que a sua, a minha sorte,
 Que eu hum golpe tirei só deste aperto,
 Elle tirou não menos do que a morte:
 Seguio-se a ella triste desconcerto
 Nos inimigos todos, que tão forte
 He hum golpe tal vez, se acaso topa
 A cabeça do Chefe de huma Trópa.

XLIV.

Havia mais alguns nas Castelhanas
 De notorio valôr, mas neste dia
 Não poderaõ das armas Lusitanas
 Embaraçar a nobre valentia;
 Empenhada a fortuna, as mais ufanas,
 Mais patentes vantagens nos confia;
 Tudo cêde, declara-se a victoria,
 Dando novos troféos á Lusa gloria.

XLV.

Della foi prompto fructo a liberdade
 Da Praça de Fronteira, e mais formoso
 A conquista de Arronches, e a humildade
 De Alegrete, que rende obsequioso
 As portas, sem disputa, e na lealdade
 Se confirma do zêlo generoso,
 Que o nacional affecto lhe dictava,
 E que a força violenta embaraçava.

XLVI.

Chegava o dia grande, o fausto dia
 Ao mais alto Mystério consagrado,
 Em que o Filho de Deos, e de Maria,
 Querendo ser por nós sacrificado,
 O proprio Corpo, e Sangue convertia
 Em suave manjar santificado,
 Para alentar os coraçõens mais puros
 Pela serie dos seculos futuros.

XLVII.

E Despertando taõ feliz memoria
O Catholico zêlo em nossos peitos,
Conhecendo bem claro, que a victoria
Fôra favor do Ceo, que os seus effeitos
Eraõ do mesmo Ceo graça notoria;
Para render-lhe os mais fieis respeitos,
Buscando da piedade o norte justo,
Marchámos de Assumar ao Templo angusto.

XLVIII.

Mas qual horror á vista nos prepara
Aquelle lugar santo, consagrado
A' Raynha dos Ceos, a Mãy preclara
Do mesmo Deos! O Templo profanado
Achamos dos cavallos: Quem pensára
Hum taõ barbaro excesso! alli formado
Tinha sido o quartel daquelles brutos,
Pelos nossos contrarios dissolutos.

XLIX.

De immundicias coberto o pavimento
Estava ainda todo: Enternecidos
O varremos; porém com pensamento
De expiar algum dia enfurecidos
Com o sangue dos réos, taõ torpe intento;
E limpo em fim o Templo, entre gemidos,
Alli rendemos reverentemente
Nossas graças ao Deos Omnipotente.

Voltei

L.

Voltei logo a Estremóz, e desta Praça
 A' famosa Cidade de Sertorio,
 Onde o nobre motivo da desgraça
 Do bom fiel Gonçalves foi notorio,
 Livra-lo projectei por força, ou traça,
 Da prisão vil; mas era peremptorio
 O termo do remedio; porque della
 O queriaõ passar para Castella.

LI.

Mandei alguns Soldados escolhidos,
 Com ordem de espiar o dia, e hora
 Da mudança do preso, que escondidos
 Nos pinhaes, que a campina tem bem fóra
 Já de Villa Viçosa, e prevenidos
 Para todo o successo, sem demóra
 Poderem surprender os espetados
 Conductores do preso descuidados.

LII.

E taõ ditosa foi, tam bem lograda
 A pensada interpreza, que supposto
 Huma escolta bem grande, e bem armada
 Fosse em guarda do preso; a penas posto
 Foi no sitio preciso da emboscada,
 Quando os nossos mostrando o fero rosto,
 Das maõs lho tiraõ, tudo desbarataõ,
 Ferem huns, prendem outros, outros mataõ.

Em

LIII.

Em tanto tive aviso dos preparos,
 Que no Porto fazia o zêlo nobre
 Daquelle povo, e dos Varoens preclaros,
 Em que a fé nacional mais se descobre,
 Soube como applicando esforços raros,
 A que ajuda com gosto o rico, e o pobre,
 Huma Armada formavaõ destinada
 Ao soccorro da Côte bloqueada.

LIV.

E desejando ter alguma parte
 Na honra, e lustre desta nobre empreza,
 A que incita igualmente o ardor de Marte,
 E o desvelo da gloria Portugueza;
 Só com duzentas lanças, que reparte
 O meu empenho a penas da pobreza
 De hum taõ pequeno Campo, fui marchando
 As correntes do Douro procurando.

LV.

Mas a penas pizava as graciosas
 Celebradas ribeiras do Mondego,
 Avançando com marchas trabalhosas
 Toda aquella distancia sem socgo,
 A penas entre idéas gloriosas
 Da risonha Coimbra á vista chego;
 Quando certa noticia me foi dada
 De ter levado ferro toda a Armada.

Senti

LVII.

Senti muito, confesso, ver frustrados
 Tantos desvelos, tantas diligencias;
 Porque entendi, que foraõ despresados
 Pela ambição de algumas precedencias;
 Mas como os meus projectos regulados
 Braço do zêlo, não de competencias,
 Occultando no peito o meu desgosto,
 Para voltar estava já disposto.

LVIII.

Quando tive noticia, que obrigada
 De precizaõ de varios provimentos,
 De Buarcos nas prayas ancorada
 Se achava entã a Armada; e pensamentos
 Renovando da empreza desejada,
 Dei parte ao Capitaõ dos meus intentos,
 Prevenindo com prompto mensageiro
 Qualquer successo menos lisonjeiro.

LVIII.

Mas igualmente foi aqui perdido
 Todo o desvelo do meu zêlo ardente
 Servindo aquelle aviso recebido
 De apressar a partida taõ sómente;
 Soltou vélas á Armada, e foi sabido,
 Que de mim se apartava: eu justamente
 Satisfação pedira; mas não peço,
 Quero só ponderar este successo.

LIXVI

O General em Chêfe desta Armada
 Era o Conde de Neiva, e de Faria;
 Em quem fora por mim renunciada
 Grande parte dos bens, que possuía:
 Vós sabeis, que esta acção foi só fundada
 Na estimação da sua companhia;
 Elle, por evitar a minha, agora
 Duas vezes se ausenta, sem demora.

LXVI

Voltei para Alentejo, e no caminho
 Soube junto a Punhete, com cautela,
 Que devia passar alli visinho
 Hum comboy importante de Castella;
 Que constava de gado, pão, e vinho,
 De dinheiro, de roupas, e baxella,
 E que a gente de guerra, que trazia,
 Pouca mais do que a minha ser podia.

LXVII

Imaginei, que o Ceo compadecido
 Destinava com esta providencia
 Supprir a grande falta, que soffrido
 Tinha da minha gente a paciencia;
 Porque havendo de todo consumido
 Os provimentos, posta na indigencia
 Mais manifesta, a penas se animava
 Da constancia fiel, que professava.

De

LXII.

De forte, que a noticia deste aperto
 Deu motivo em Thomar, a que quizesse
 Algaduxe, hum Hebreo, traçante esperto,
 Tentar a nossa fé com interesse;
 E supposto que teve pouco acerto
 Naquelle suggestão, bem se conhece
 Que lhe deu occasião para a ousadia
 A miseria fatal, em que nos via.

LXIII.

Querendo pois sapprir de alguma sorte
 Aquella triste falta, e cubiçoso
 Da gloria de vingar com braço forte
 Tanto roubo cruel, e lastimoso,
 Dando á minha jornada hum breve corte,
 O retiro busquei de hum valle umbroso,
 Onde o corpo do monte mais visinho
 Me escufava ser visto do caminho.

LXIV.

E pondo sobre o cume deste outeiro
 Algumas sentinellas prevenidas
 Para darem aviso verdadeiro
 Da chegada das gentes pertendidas;
 Nas agradaveis margens de hum ribeiro
 Descançamos hum pouco das crecidas
 Fadigas da viagem, com vontade
 De alimentar a fraca humanidade.

Mas

LXV.

Mas a penas as mesas preparadas
 Com pobres iguarias, nos incitaõ
 A refazer as forças quebrantadas,
 Que os trabalhos continuos debilitaõ,
 Quando algumas das guardas avançadas
 Com instante fervor nos solicitaõ,
 Que passemos o monte; porque a gente
 Inimiga se vê já claramente.

LXVI.

Não houve quem tivesse mais vontade
 De comer, ou beber; cada qual corre
 A's armas com a furia, e brevidade,
 Que precisa no caso se discorre;
 Montamos sem demora a extremidade
 Da vizinha Colina, donde morre
 A vista do Horizonte, e já bem perto
 Todo o Comboy se mostra descoberto.

LXVII.

Entaõ rompendo repentinamente
 O silencio por todos observado,
 Mandei dar as trombetas vivamente
 O signal de investir taõ desejado;
 E dando prompta, mas compostamente
 Sobre a Trópa, que a passo descuidado
 Pela estrada marchava, as penas ver-se
 Pôde em fórma capaz de defender-se.

Mostrou

LXVIII.

Mostrou com tudo alguma resistencia;
 Bem que pôde durar pequeno espaço,
 Não lhe bastando toda a diligencia
 A deter o furor do Luso braço;
 Ficou-nos o Comboy por consequencia,
 E Castella tirou deste embaraço
 A perda delle, e os damnos effectivos
 De mais de oitenta mortos, e captivos.

LXIX.

Chegado em fim ás terras Transtaganas;
 Allí tive noticia, que o Castello
 De Monfarás ás armas Castelhanas
 Tributára infiel o seu desvelo;
 E vendo, que as fronteiras Lusitanas,
 Além do risco de hum tão máo modelo,
 Podiaõ receber daquella parte
 Insultos graves nas questoens de Marte.

LXX.

Recuperar tentei daquelle Forte
 O dominio perdido; mas tractavel
 Não era aquella empreza ao duro córte
 Do valor, ou da força mais notavel;
 O sitio do Castello he de tal sorte
 Inaccessivel, duro, e inexpugnavel,
 Que seria perder o tempo, e gente,
 Fazer-lhe a guerra descobertamente.

LXXI.

Projectei pois haver por manha, ou traça;
 O que á força das armas não podia;
 Que a destreza o valôr não embaraça,
 Nem a subtil astucia he cobardia;
 E sabendo, que entãõ a forte escaça
 O Castello de carnes mal provia,
 Huma noite lhe fiz lançar defronte
 Algumas vacas no visinho monte.

LXXII.

E mandando marchar alguns Soldados
 Com cautela, segredo, e diligencia
 A ganhar os rochedos, que chegados
 O Forte tem do monte na eminencia,
 Lhe dei ordem, que nelles alojados
 Esperassem da sorte a providencia,
 E que vendo patente alguma entrada
 A ganhassem com furia accelerada:

LXXIII.

Que eu em tanto de sitio competente
 Acudiria prompto, e vigilante,
 Com soccorro mayor de armas, e gente,
 A segurar-lhe o passo vacilante;
 E sendo tudo obrado promptamente
 Com zêlo puro, com valor constante,
 Foi tambem succedida esta interpreza,
 Que foi recuperada a Fortaleza.

Tive

LXXIV.

Tive logo noticia, que chegára
 A Badajóz com grande companhia
 Castanheda Varaõ de fama clara,
 Que encontrar-se comigo pertendia;
 E quando o meu cuidado se prepara
 A cumprir-lhe o desejo, que trazia,
 Por hum trombeta manda insinuar-me
 Que no dia seguinte vem buscar-me.

LXXV.

Respondi-lhe, que eu tinha prevenido
 Escusar-lhe o trabalho da jornada,
 Que junto a Badajóz fosse servido
 Receber a visita insinuada;
 E com esta resposta despedido
 O trombeta; naquella madrugada
 Sahi de Elvas com toda a minha gente
 A cumprir a palavra promptamente.

LXXVI.

Naõ madrugáraõ tanto os Castelhanos,
 Porque o recado naõ acreditavam;
 Fundados na vangloria, e nos enganos,
 Que as vantagens das forças lhe inspiravaõ;
 Mas recebendo agora os defenganos
 Pela voz das trombetas, que escutavaõ,
 Pelas portas sahindo da Cidade,
 Se vêm mostrando em grande quantidade.

LXXVII.

Forão logo cumpridos cabalmente
 De huns, e outros os votos fervorosos,
 Castelhanos, e Lusos igualmente
 De provar-se parecem cubicosos:
 Eu busquei Castanheda attentamente
 Entre os seus Capitaens mais valorosos;
 Mas não pôde lograr o meu cuidado
 Aquelle encontro de ambos desejado.

LXXVIII.

Accendeo-se nos peitos arrogantes
 De hum, e outro partido a chama activa
 Da raiva Marcial, que os fulminantes
 Pesados golpes mutuamente aviva;
 Qual se ajuda das forças importantes,
 Qual da destreza, que o valor cultiva,
 Qual fere venturoso, qual ferido
 Vingar procura o golpe recebido.

LXXIX.

Mas durou este ardor pequeno espaço
 Nos Castelhanos peitos, que cedendo
 Pouco, e pouco ao valor do Luso braço,
 Para os muros se foram recolhendo;
 Nós os fomos seguindo, em quanto o passo
 Achou firme o valor, e ahe que tendo
 Encerrados de todo na muralha
 Para o campo voltamos da batalha.

Nef-

LXXX.

Neste campo postados novamente,
 Estivemos de frente da Cidade
 Largo tempo, por ver se aquella gente
 Tentaria da forte a variedade;
 Mas conhecendo em fim bem claramente,
 Que não tinhaõ da offerta já vontade,
 Nos recolhemos, conduzindo ufanos
 Por troféo vinte presos Castelhanos.

LXXXI.

Igual soberba, e menos valentia,
 Encontrei em Sarmento, outro famoso
 Capitão de Castella, que regia
 Hum corpo de Hespanhoes mais numeroso;
 Este, e outros, que em sua companhia
 Se ajuntáõ no Crato, onde raivoso
 Castanheda chegou do mão successo,
 Da vingança se empenhaõ no progresso.

LXXXII.

E confiados orgulhosamente
 Na vantagem das forças, que mandavaõ;
 Julgando intimidar-me indignamente
 Com ameaços vaõs, que publicavaõ;
 Me dirige Sarmento huma insolente
 Indecorosa carta, em que se achavaõ
 Mais injurias, que letras, e a confiança
 De hum Soldado, por quem me desafia.

Hu-

LXXXIII.

Huma espada por gage da batalha,
 Pelo mesmo me envia, e me convida,
 A que pouço distante da muralha,
 A visita lhe accete offercida;
 Accrescentando mais, que elle trabalha
 Por fazela tão breve, que duvida
 Receber já resposta do recado,
 Se não dentro no campo infinuado.

LXXXIV.

Não fiz caso da carta, que não tinha
 Por escripto resposta congruente,
 Esperando de dar-lhe, na visita
 Occasão do combate, a competente,
 Respondi-lhe somente, que eu convinha
 Na proposta visita, e que patente
 Lhe faria no campo, cara a cara,
 Quanto daquella carta me obrigara.

LXXXV.

E com esta resposta despedido
 O portador da carta, satisfeito
 Igualmente do termo comedido,
 Que do firme valor do Luso peito,
 Passei ordem, que tudo prevenido
 A qualquer invasão, qualquer effeito,
 Ou da força, ou da astúcia, a toda a hora
 Nos podesse encontrar dos muros fora.

R

Com

LXXXVI.

Com effeito partido o mensageiro,
 Chegou logo noticia, que marchando
 Desde Arrayólos, com furor guerreiro
 Vinha Sarmiento o campo devastando;
 E fazendo-se á vista verdadeiro
 Brevemente este aviso, fui postando
 A minha gente fóra da muralha,
 Disposta toda em fórma de batalha.

LXXXVII.

Mas foi este prospecto só bastante
 A suspender tão fortes ameaças;
 Sarmiento tão feróz, tão arrogante
 Não se atreve a provar os Lusos braços:
 Confuso pára, e logo vacilante
 Esperando da noite os embaraços,
 Della se vale para a retirada,
 Sem chegar a tirar no campo a espada.

LXXXVIII.

Descarregou com tudo os seus furores
 Sobre os pobres paizanos defarmados,
 Commettendo mil roubos, mil horrores
 Pelos povos, que achou desamparados;
 Sobre os gados, e bens dos lavradores
 Foraõ todos seus golpes fulminados,
 E com estas façanhas satisfeito,
 Para a Praça de Almada foi direito.

LXXXIX.

Era Governador daquella Praça,
E nella tinha a sua residencia,
Depois que pôde em fim a sorte escaça
Aparta-la da Lusa obediencia,
E nella agora á custa da desgraça
Dos paizanos, com torpe providencia
Se encerrou carregado de despojo,
Que podera causar vergonha, e nojo.

XC.

Foi-me logo presente o grave damno,
Que a Provincia soffrera deste insulto;
Mas já quando se achava o Castelhana
Nos fortes muros torpemente occulto,
Com tudo fez o estrago deshumano
Na minha indignação taõ grande vulto,
Que a pesar do trabalho, e do perigo,
Assentei de lhe dar algum castigo.

XCI.

E sabendo, que a Praça de Palméla
Sinco legoas distante só de Alnada,
Que o partido seguia de Castella,
Mais por força, que affecto regulada,
Com menos attençaõ, menos cautela,
Da guarnição se achava mal tractada,
Com ajuda de alguns dos habitantes
A quiz livrar dos ferros dominantes.

XCII.

E sendo taõ feliz esta interpreza,
 Que chegar, e vencer naõ teve meyo;
 Sendo vista a bandeira Portugueza
 No castello, primeiro que o receyo,
 Outro golpe tentei, outra surpresa
 Fulminar sobre Almada, em cujo seyo
 Desejava vingar os feros damnos,
 Que Sarmiento causou nos Translaganos.

XCIII.

Com effeito marchando occultamente
 Entre as sombras da noite, acompanhado
 De huma boa porçaõ da minha gente
 Com diversos pretextos disfarçado,
 Abandonada a estrada competente,
 Por naõ ser dos contrarios observado,
 Com varias contramarchas encoberto
 Apareci em fim de Almada perto.

XCIV.

Porém já neste tempo o Sol brilhante
 Pelas portas do Oriente apparecia,
 E nos muros, e campo circunstante,
 Qualquer objecto a vista distingua;
 E sendo condiçaõ taõ importante
 Para lograr o fim, que pertendia
 O segredo da marcha cautellosa,
 Logo julguei a sorte duvidosa.

Mas

XCV.

Mas por naõ ver frustrado inteiramente
Todo o trabalho desta diligencia,
E naõ voltar o rosto indignamente
A' face do perigo, e resistencia;
Em quanto a guarniçaõ confusamente
Do Castello dispoem a providencia,
A's entradas da Villa me adianto,
Onde mais fluctuava o horror, o espanto.

XCVI.

Alli era o clamor dos habitantes,
O ruido das armas, e Soldados
Taõ confusos, que os ecos penetrantes
Os ouvidos deixavaõ atoados;
Mas a pesar dos gritos dissonantes,
A pesar de mil golpes alternados,
O valor Portuguez abriu entrada
Pelas ruas da Villa perturbada.

XCVII.

Acudiaõ com tudo os Castelhanos
A cada passo com mayor desvelo;
Mas a furia dos golpes Lusitanos
Mais reparo naõ tinha, que o Castello;
Nelle em fim se recolhem, nelle os danos
Presenciaõ da Villa, que o mais bello,
Mais lustroso despojo nos guardava
Nos cavallos, e armas, que encerrava.

Alli

XCVIII.

Alli vi Castanheda ; mas agora
 De encontrar-me não tanto cubiçoso ;
 Pois apenas me avista , sem demora
 Se retira com passo indecoroso ;
 Igual temor a muitos mais devóra ,
 Cujó nome no Mundo era famoso ;
 Só Sarmiento não vi , dizem que estava
 Então no campo , aonde ElRey se achava.

CXIX.

Ontra vez a Palméla recolhido ,
 Alli me deu hum voffo mensageiro
 Huma carta , na qual sendo servido
 De fazer-me saber o verdadeiro
 Estado da Cidade , era incumbido
 De passar desta parte , em som guerreiro ,
 Para achar-me na vossa companhia
 Na gloriosa acção , que se emprendia.

C.

Poucas vezes , Senhor , na minha vida
 Tive gosto mayor : O meu affecto ,
 O zêlo Portuguez , a fé devida
 A' Nação , a grandeza do projecto ,
 Tudo me inflamma , tudo me convida
 Com tão vistoso , tão brihante aspecto ,
 Que não creyo , que as glorias mais formosas
 Possão ter attracções mais poderosas.

Dese-

CI.

Desejei partir logo ; mas devia ,
Segundo a mesma carta me ordenava ;
Novo aviso esperar do sitio , e dia ,
Que para a grande acção se destinava ;
E quando a dilação já mal soffria
Da noticia , que tanto me tardava ,
Outro aviso me chega acelerado
De ser o cerco em fim abandonado.

CII.

Naõ pude resistir á força unida
Do alvoroço , do gosto , e da saudade ;
Que me obriga , me incita , e me convida
A passar desta parte da Cidade ;
E supposto , que certa , e bem sabida
Restava a principal difficuldade ,
Da passagem do rio , que guardada
Se achava do poder de toda a Armada.

CIII.

O fogo da payxaõ , que em mim se accende ;
Naõ se apaga com sopros de receyo ;
Que he bem froxo o desejo , que se rende
A's torpes sugestoes do medo feyo ;
E como o meu projecto só depende
Do meu risco , sem grave damno alheyo ,
O primeiro batel , que achei vasio
Me deu os meyoys de passar o rio.

CIV.

Cabia nelle muito pouca gente ;
 Nem eu quizera grande companhia ;
 Mas fazendo jornada taõ contente ,
 Quiz trazer instrumentos de alegria ;
 E passando no meyo da corrente ,
 Quando apenas a aurora descobria
 Os primeiros fulgores , que mal davaõ
 Huns indicios da luz , que annunciavaõ.

CV.

Vendo o grande socego , que na Armada
 Dos contrarios reinava , sem cautela
 Dormindo a gente allí taõ socegada
 Como se o rio fosse de Castella,
 Lhe fiz dar de repente huma alvorada ;
 Pelas minhas trombetas , com taõ bella ,
 Taõ venturosa sorte , que sem damno
 Deixei tudo no susto mais tirano.

CVI.

E buscando com prompta diligencia
 O dezejado pôrto , o Céu piedoso
 Concede á minha viva impaciencia
 Na vossa vista o fim mais venturoso ;
 Permitta agora a sua providencia ,
 Que o meu zélo vos seja proveitoso ,
 E que em vosso serviço , e deste Estado
 Possa ver-se o meu nome acreditado.

Assim

CVII.

Affim fallava Nuno , e novamente
Do Defensor nos braços apertado
A resposta recebe competente
Com justas expreffoens de nobre agrado ;
E recolhidos ambos juntamente
A mais proprio lugar , mais retirado ,
Alli por varias vezes examinaõ
Varios pontos de guerra , que combinaõ ;

FIM DO CANTO VI.

A LIBERDADE.

CANTO VII.

ARGUMENTO.



M quanto Nuno entretinha o Defensor, alguns Capitaens observáraõ da parte dalém do rio hum combate, de que não podéraõ bem notar as circumstancias, e sómente parecia não ser entre muita gente; mas dando conta disto ao Defensor, este se inquieta extraordinariamente e quer, que passe algum dos Capitaens mais atrevido, á parte opposta a saber a qualidade do caso: Nuno se offerece, e havendo passado, lhe envia hum mensageiro, que declara, que o caso observado fora huma escaramuça entre alguns Soldados de Nuno, e alguns Castelhanos, que excoltavaõ cinco presos, e huma Dama. Alvo-
raça-

roça-se muito mais o Defensor, manda apromptar gente, embarca, e marcha sobre Almada, para onde lhe disserão, que os Castelhanos leváráõ os presos. No Rio declara o Defensor a Vasconcellos a suspeita, que tem de que a prisioneira seja a bella Ignez. Conta-lhe os amores, que teve com esta Dama, e os embarços, que teve com seu Pay. Chega a Almada, toma a Villa, e acha dentro a bella Ignez; conta esta os seus successos, e se inflamma novamente o Defensor, tanto no seu affecto, que se descuida dos negocios mais importantes; mas o Genio Tutelar de Portugal, que receya as consequencias desta paixão do Principe, lhe prepará hum aviso por meyo de hum sonho. Descreve-se a habitação dos sonhos, e se declara a differença dellés. Expõem-se a representação do sonho do Defensor, e a sua explicação, em que se apontã as glorias de Portugal em todas as quatro partes do Mundo. Cede a paixão do amor á paixão pela gloria no coração do Defensor, que em fim recolhe a bella Ignez em hum Convento, e profegue a gloriosa empreza da defesa do Reyno.



A LIBERDADE

CANTO VII.

I.

EM tanto, que durava a conferencia
 Dos dois Heroes, que o peso sustentavaõ
 Dos negocios da Patria, e na prudencia
 Naõ menos, q̃ em valõr, se avantajavaõ ;
 Alguns dos Capitaens, que a confidencia
 Mais segura do Chefe desfructavaõ,
 E nos seus embaraços acudiaõ
 A' direcção dos casos, que occurriaõ.

Ha-

II.

Havendo attentamente examinado
 Alguns fortes, e postos importantes ;
 Onde bem se observava o rio armado ,
 E naõ menos as terras circumstantes ,
 Em hum sitio naõ muito desviado
 Do caminho de Almada, fulminantes
 Armas vêm rutilar, confusamente,
 Correr Cavallos, combater-se gente.

III.

Mal podem distinguir-se as circumstancias
 Do combate ; mas bem se reconhece ,
 A pesar dos enganos das distancias ,
 Que hum partido sobre outro prevalece ,
 Naõ se enculca de grandes importancias
 Qualquer dos dois, no vulto, que apparece ;
 Mas o furor, que nelles reluzia
 Algum caso bem grave promettia.

IV.

Qual seja aquelle caso, ou qual partido
 O favor da fortuna desfructava ,
 O mais vivo desvelo, o mais crescido
 Naquelles Capitaens estimulava ;
 Mas o passo do rio defendido
 Pela Armada inimiga, embaraçava
 Examinar com mais fiel certeza
 Do presente successo a natureza.

V.

Em tanta confusãõ embarçados,
 O Defensor procuraõ cuidadosos,
 A quem fazem saber os observados
 Movimentos, e passos duvidosos;
 E sendo os sentimentos elevados
 Daquelle coraçãõ, taõ generosos,
 Que o perigo maior, mais manifesto
 Já mais pôde alterar-lhe o firme gesto.

VI.

Este pequeno caso, este incidente
 Taõ natural naquella conjunctura,
 Que podéra julgar-se indifferente
 A' sorte principal da guerra dura,
 Commove agora taõ tiranamente
 Aquella alma sublime, que procura
 De balde disfarçar o grande abalço
 Com que esta relaçaõ pôde agitalo.

VII.

Que passe logo quer, á parte opposta
 Algum dos Capitaens mais destemidos,
 Com ordem de enviar prompta resposta
 Sobre aquelles encontros mal sabidos;
 Porém Nuno, que tinha já disposta
 A vontade a partir, e prevenidos
 Os meynos da viagem, se offerece
 A mandar-lhe a noticia, que apetece.

VIII.

E partindo com prompta diligencia;
 Brevemente chegou hum mensageiro;
 Que se abona de ter certa sciencia
 Do principio do caso verdadeiro;
 Mas como o Defensor tanta impaciencia
 Mostra neste negocio, quer, primeiro
 Do que explique o successo, ser levado
 A' presença do Principe adorado.

IX.

Alli chegádo, e d'elle recebido
 Com mostras de alvoroço, e de bondade;
 Por Soldado de Nuno conhecido,
 E por homem de esforço e de verdade
 Pelo Principe mesmo requerido,
 Que fallasse com toda a liberdade,
 Diante do concurso illustre, e forte
 Principia a dizer-lhe desta fórte.

X.

Vós, Senhor, já sabeis, que a Lusagente,
 Que o grande Nuno trouxe sobre Almada,
 Depois do grande caso, e da valente
 Expedição de todo consumada,
 Em quanto o General esteve ausente,
 Em Palméla ficou aquartellada,
 E que pelos contornos discorria
 Em pequenas patrulhas cada dia,

Hum

XI.

Hum destes pois, que havia huma partida
 Pela estrada de Almada adiantado
 Os seus passos, e tinha já vencida
 Mais de meya distancia, hum misturado
 Rumor de gente, e brutos, que convída
 A maior attenção foi escutado
 De hum caminho visinho, que embocava
 No mesmo, que a partida então levava.

XII.

O Commandante desta por cautela,
 Bem que adornado de valór augusto,
 Receando, que fosse de Castella
 Algum corpo de Tropas mais robusto,
 Da estrada se apartou; mas junto della
 Dois Soldados deixou de menos susto,
 Que podessem occultos sem perigo
 Reconhecer as forças do inimigo,

XIII.

E ganhando com sabia providencia
 Hum bosque mais espesso, e não distante,
 Que encoberto ficava da imminencia
 De hum outeiro, que havia dominante,
 Deixou ordem, que a toda a diligencia
 Qualquer dos dois Soldados, que o semblante
 Observasse da gente, que passava,
 Lhe levasse a noticia, que esperava.

XIV.

Eu fui, Senhor, hum destes dois Soldados;
 A quem coube por sorte aquelle empenho,
 E por isso dos riscos observados
 Certeza mais cabal, mais clara tenho:
 Estava-mos os dois já socegados
 Cadaqual por detrás de hum gróssô lenho
 De azinheira, cobertos da verdura
 Das estêvas, carrasco, e sylva dura.

XV.

Quando pelo caminho prevenido
 Aparecem quarenta Cavalleiros,
 Que armados todos vêm de aço luzido
 Em cavallos soberbos, e guerreiros;
 No meyo trazem quasi sem sentido,
 Huma Dama com cinco prisioneiros,
 Que alguns peões armados vem cercando
 A desmayada Dama sustentando.

XVI.

Fazia compaixão a maltratada
 Respeitavel belleza, em quem apura
 Neste mesmo dezar de desmayada,
 Os seus mais ricos dons a formosura:
 A téz mimosa, a péle delicada
 Hé mais clara, que a neve na brancura,
 O nariz, bôca, frente, e sobrancelhas
 Só na copia de Venus tem parelhas.

XVII.

As desmayadas faces conservando
 Hum resto só da pura cõr de rosa,
 Na candura o deliquio equivocando;
 A faziãõ mais bella, mais formosa;
 Os dourados cabellos fluctuando
 Pelas costas, e cinta melindrosa,
 Luzida emulaçãõ ao Sol fazendo,
 Eraõ risco não menos estupendo.

XVIII.

Mas não era de todo descoberto
 O thesouro das graças mais brilhantes;
 Onde o poder de Amor seguro, e certo
 O preço tinha das paixoens amantes;
 Os olhos finalmente havendo aberto,
 Da sua luz os rayõs penetrantes
 Entre agrado, viveza, e compostura
 Mostraõ todo o valõr da formosura.

XIX.

Os olhos abre em fim, que ao Ceo levanta;
 Os olhos; porque as maõs ligadas tinha,
 Que a fereza dos guardas era tanta,
 Que em tyranas prisoens atada vinha;
 E como quem do estado vil se espanta,
 Que tão pouco por certo lhe convinha,
 Exalando hum suspiro magoado,
 Desta sorte accusava o duro fado.



XX.

- „ Que crime foi o meu , ou qual delicto
 „ Huma fraca mulher desamparada
 „ Póde fazer das armas no conflicto ,
 „ Que deva desta fórte ser tractada ?
 „ Eu por ventura a fama sollicito
 „ De Amazona feróz? Eu fui achada ,
 „ Ou no Campo vestida de armas fortes ,
 „ Ou nos congressos concitando mortes ?

XXI.

- „ Eu tive algum presidio , alguma praça
 „ Entregue a meu cuidado ? Alguma gente
 „ Sujeita ás minhas ordens , com que faça
 „ Hum partido na guerra competente ?
 „ Deu-me algum senhorio a fórte escaça ?
 „ Algum poder ? Ou fez-me algum valente
 „ Capitão , de quem possa o peito fórte
 „ Fazer da guerra vacillar a fórte ?

XXII.

- „ Se o ser fiel á Patria , em que nascida ,
 „ Em que educada fui , se o ser constante
 „ Nos primeiros affectos , na devída
 „ Observancia da fé me dá bastante
 „ Causa para a ruína , e perseguida
 „ Sou sómente por ser perseverante
 „ Em tão nobres cuidados , que tormentos
 „ Guarda o Ceo para peitos fraudulentos ?

Ah,

XXIII.

„ Ah, meu Principe, e quando pensaria
 „ A tua firme Ignez, que o teu amparo
 „ Algum dia faltar-lhe poderia
 „ Nas suas afflicçoens ! Se o fado avaro
 „ Alguma vez....., Mas como proseguia
 Na sua marcha o som já menos claro
 Da doce vóz perdido na distancia,
 Frustrou em fim a minha vigilancia.

XXIV.

Partimos promptamente a dar aviso
 Eu, e meu camarada ao Commandante;
 Que julgou não só justo; mas preciso
 O despique de acção tão petulante;
 E querendo evitar o prejuizo
 De qualquer dilação, no mesmo instante
 Manda marchar do monte pela volta
 A pequena partida á redea solta.

XXV.

Com effeito chegamos justamente
 A ganhar o caminho desejado,
 Quando vinha por elle a estranha gente
 Aparecendo a passo socegado:
 Não sófre mais a furia impaciente
 Do nosso Commandante arrebatado;
 A elles, grita, e sem fazer demora
 Hum dos contrarios pôz da sella fóra.

Ou-

XXVI.

Outro, e outro depois, em breve espaço;
 Igual fórte tiveraõ, nem deixára
 Cavalleiro na sella o fórte braço,
 Se no terceiro a lança não quebrára;
 Mas não mostra menor desembaraço,
 Depois que na mão toma a espada clara,
 Pois cada golpe fero, que fulmina,
 Ou despedaça, ou mata, ou arruína.

XXVII.

Seguimos todos com vontade accesa
 Do Commandante os passos valorosos;
 Cada qual quer mostrar naquella empreza
 Quanto valem seus brios generosos;
 A compaixão incita a fortaleza,
 Anima a dôr os peitos bellicosos;
 E da Dama infeliz a fórte dura
 Emmendar, ou vingar qualquer procura.

XXVIII.

Dos primeiros encontros vão rodando
 Pelo campo não poucos inimigos,
 E da espada nos fios vão provando
 Nada menos funestos os castigos;
 Mas em quanto se via fluctuando
 A victória no meyo dos perigos,
 Do numero maior embaraçada,
 E do Luso valôr sollicitada.

XXIX.

Alguns dos Cavalleiros incumbidos
 Do cuidado dos presos, ou zelosos
 Da sua segurança, enfraquecidos
 Vendo dos seus os peitos duvidosos,
 Para os muros de Almada conhecidos
 Se dirigem com passos cuidadosos,
 E na praça recolhem por cautela
 Os finco presos, com a Dama bella.

XXX.

Naõ sofre o Defensor, que mais profiga
 Na triste relação o mensageiro;
 Porque a viva paixão, que n'alma abriga,
 Lhe accende a chama do furor guerreiro;
 Naõ tem socego em quanto naõ castiga
 Defacato taõ fero, e taõ grosseiro;
 E julga por defár qualquer demóra
 Na vingança, que o peito lhe devóra.

XXXI.

Qual a brava leõa, a quem roubára
 Atrevido pastor algum filhinho,
 Em quanto d'elle ausente procurára
 O sustento, que tráz ao vago ninho,
 Furiosa do damno, que observára,
 Bramindo parte, e segue no caminho
 Do roubador os passos, que no muro
 Da cabana se julga já seguro.

Tal

XXXII.

Tal o fórte Varaõ enfurecido
 Na noticia do caso lastimoso,
 Havendo nos signaes reconhecido
 A Dama, que o rigor sofre aleivoso;
 Das suas afflicçoens enternecido,
 E na vingança dellas furioso,
 Seguir quer, a pesar dos embaraços,
 Dos inimigos para Almada os passos,

XXXIII.

Apromptar manda a toda a diligencia
 Armas, embarcaçoens, e provimentos;
 Porque a gente se alista á competencia;
 Taes eraõ da Naçaõ os sentimentos.
 Felizmente, por alta providencia
 Da fortuna, que ajuda atrevimentos,
 Em quanto dos preparos se tractava,
 O maior embaraço se acabava.

XXXIV.

Porque as Náus Castelhanas, que ancoradas
 Eraõ do Tejo no formoso feyo,
 E da guarda do rio encarregadas,
 A passagem cobriaõ de receyo;
 De repente das prayas apartadas,
 Sem que possa accusar-se impulso alheyo,
 Humas atrás das outras, sem demóra,
 Se vaõ nadando pela barra fóra,

Pas-

XXXV.

Passa o rio já livre de perigos
O grande Defensor, acompanhado
Do zêlo nobre dos fieis amigos,
E de hum corpo de Tropas bem armado;
Mil estragos medita, mil castigos
Em vingança do caso relatado,
E com vozes, e premios lisonjeiros,
A diligencia anima dos remeiros.

XXXVI.

Mas em quanto do rio na corrente,
Em socego forçoso, se occupava
Nos motivos da raiva impaciente,
Que o bravo coração lhe devorava,
Vasconcellos, que mais attentamente
Os diversos affectos lhe observava,
E lograva constante no seu peito
Da mais pura amizade o doce effeito.

XXXVII.

Pretextando com zelo generoso
De cuidado fiel, de affecto puro;
O natural desejo ambicioso
De penetrar mysterio taõ escuro;
Com instancia lhe pede obsequioso,
Que lhe queria dizer, se o fado duro
Algun risco maior lhe representa,
Com que o seu fórte peito se atormenta.

Ah!

XXXVIII.

Ah ! responde ó Varaõ , e quanto engana
 Huma apparencia van da fortaleza !
 Tu me crês fórte , e toda a dôr tyrana ,
 Que me atormenta , nasce da fraqueza :
 Bem sei , que esta expressãõ talvez profana
 A minha gloria ; mas a natureza
 Naõ isenta os Heróes da triste sorte
 De huma cega paixãõ , mais que elles fórte ;

XXXIX.

Deva-me o teu affecto a confidencia ,
 Que a ninguem mais fizera. Eu amo amigo ;
 E amo cegamente : huma imprudencia
 Foi origem talvez do meu perigo ;
 Mas hoje he honra pura , he já decencia
 O cuidado , que sinto ; e no castigo ,
 Com que vingar de Amor offensas tracto ,
 Cumpro o dever do brio mais exacto.

XL.

Tu sabes , que eu vivi bastantes annos
 Nas terras , que de nós divide o Tejo ,
 Em quanto as dissençoens dos Castelhanos
 Naõ deraõ mais assumpto ao meu desejo :
 Alli bem livre de odios inhumanos ,
 A que o briga das armas o manejo
 Em passeyos , em jogos , e caçadas ,
 Tinha todas as horas occupadas.

Hum

XLI.

Hum dia de prazer, que os moradores
 De Veiros, com fervor solemnizavaõ,
 Nas Igrejas com Hymnos de louvores,
 E nas praças com festas, que ordenavaõ;
 Attrahido das vozes, e clamores,
 Que esta grande funcão annunciavaõ,
 Passei áquella Villa, bem alheyo
 Do mal, que me guardava no seu seyo;

XLII.

Mas apenas na praça disfarçado
 Entre mascaras mil, procuro attento
 Dar á vista o recreyo costumado,
 Das bellezas no vasto luzimento,
 Quando logo me sinto arrebatado
 Dos poderes do mais feliz portento;
 Que em debuxos de graça, e gentileza
 Pôde idêar a sabia natureza.

XLIII.

Bem defronte do fitio, em que eu me achava;
 Este raro prodigio apparecia,
 E na graça, e decôro, que ostentava,
 No respeito os agrados confundia;
 Huma nuvem de nácar moderava
 Os excessos da luz, que difundia;
 Porque em cortina de brocado envolta
 Nem de todo se prende, nem se solta.
 Eu

XLIV.

Eu naõ pertendo agora retratar-te
 Aquelle angusto magestoso vulto,
 De cujas perfeçoens a menor parte
 Excede a força do pincel mais culto;
 A luz da idea, os primores da arte
 Naõ são capazes de taõ nobre indulto,
 E mais que empenho, fora sacrilegio
 Pertender taõ ditoso privilegio.

XLV.

Quero só, que tu possas no conceito
 De huma egregia completa formosura,
 Desculpar as fraquezas do meu peito,
 Perdoar-me os excessos da ternura;
 Se tu já foste ás leys de Amor sujeito,
 Facilmente o farás, e se taõ dura
 He tua condiçaõ, que amor naõ sente,
 Que sentirá nos males de outra gente.

XLVI.

Mas seja como for, eu sei que exposto
 A' vista deste affombro de belleza,
 Me senti transportar de pasmo, e gosto,
 De alvoróço, de susto, e de fraqueza;
 Desejava de hum taõ brilhante rosto
 De mais perto notar a gentileza;
 Mas hum timido pêjo me prendia,
 E nem dar hum só passo me atrevia.

XLVII.

Immovel, qual estatua hum largo espaço
 Neste estado passei; porém vencendo
 Os primeiros receyos do embaraço,
 Foi o desejo os sustos excedendo;
 Ousado me adianto, e nada escaço
 Me foi o fado entã; porque antevendo
 Quantos males Amor me prevenia,
 Quiz fazer-me mimoso neste dia.

XLVIII.

Pois chegando debaixo da janella,
 Que taõ rico thesouro em si guardava,
 Da liberdade usando, e da cautela,
 Que o disfarce da mascara abonava,
 Pude notar naõ só da Nympha bella
 O brilhante esplendor, que me encantava;
 Mas gozar a maior felicidade
 Da sua vóz na doce suavidade.

XLIX.

Acabou de encantar-me inteiramente
 A sua gravidade, o seu juizo,
 A mimosa pronuncia, a vóz cadente,
 O gracioso olhar, o doce riso,
 E sobre tudo o estylo competente
 A's materias, que tracta, ora conciso,
 Ora grave, ora alegre, e sempre nobre,
 Onde a graça, e decencia se descobre.

Apar-

L.

Apartei-me dalli sem liberdade,
 E sem saber quem della me privava;
 Porque o nome, a vivenda, a qualidade
 Deste affombro fatal, tudo ignorava;
 Mas querendo informar-me da verdade,
 Como os passos Amor me encaminhava,
 Antes de se acabar de todo a festa,
 De tudo tinha idéa manifesta.

LI.

De Pedro Esteves, hum dos mais honrados
 Moradores de Veiros, era filha
 Esta illustre belleza, e celebrada
 Seus dotes naturaes por maravilha,
 Ignez era o seu nome, a quem prostrados
 Os dourados farpomens Amor se humilha,
 Porque na vóz da fama era constante
 Ser nada menos fera, que brilhante.

LII.

Mil' corações inutilmente accesos
 Dos seus olhos nas luzes se abraçáraõ,
 Mil alvedrios, sem arbitrio presos,
 A seus pés cegamente se prostráraõ;
 Mas sómente rigores, e despresos
 Por fructo dos seus votos alcançáraõ,
 Sem que entre tantos hum sómente houvesse,
 Que a mais leve attençaõ lhe merecesse.

Esta

LIII.

Esta mesma altivez, esta fereza,
 Que podera servir de defengano
 A meus nobres desvelos, na certeza
 De hum peito duro, hum coração tyrano;
 Foi maior incentivo da firmeza
 Dos meus votos ardentés; porque o damno
 Padecido dos mais, me promettia
 Maior gloria no risco, que emprendia,

LIV.

Não te posso contar as diligencias,
 Os trabalhos, desvelos, e cuidados,
 Penas, sustos, desgostos, contingencias;
 A que foraõ meus cultos obrigados;
 Bastará só saber, que as consequencias
 De excessos taõ feis, taõ porfiados,
 Foraõ por fim taõ doces, taõ ditosas;
 Quanto as primissias foraõ trabalhofas.

LV.

Algum tempo vivemos desfructando
 Mutuamente do Amor os gostos puros;
 Em suave descuido aproveitando
 Da forte varia os mimos mal seguros;
 Mas o tempo feliz passa voando,
 Por decreto fatal dos fados duros,
 Este tempo passou, e desta gloria
 Só ficáraõ as sombras na memoria.

LVI.

Já duplicado fructo occultamente,
 O nosso amor havia produzido,
 Sem que fosse de Ignez o Pay sciente
 Deste commercio ás luzes escondido;
 Mas teve em fim suspeita, e claramente
 Soube parte do caso succedido,
 Com que o seu nobre alento, sem tardança,
 Os caminhos buscou para a vingança.

LVII.

Era Esteves honrado, e não queria
 Huma injuria vingar com outra injuria
 Lavar sim com meu sangue pertendia
 O decóro da filha, a propria incuria;
 Mas hum fraco affassinio parecia
 Indecente exercicio á sua furia,
 E com mais nobre idéa o seu desgosto
 Desafogo buscou mais bem disposto.

LVIII.

Sabendo, que eu passava incautamente,
 Por hum sitio não muito frequentado,
 Sem companhia alguma, e tão somente
 Das ordinarias armas adornado,
 Assaltando-me nelle de repente,
 Com o ferro na mão já preparado
 Me expõem a sua queixa, e com a vida
 Que pague quer a offensa commettida.

Dispus-

LIX.

Dispus-me a defender-me, e foi forçoso
 Servir-me bem das maons aquelle dia,
 Contra as iras de hum homem valoroso,
 Que em despique da honra combatia;
 Mas se não mais valente, mais ditoso
 O meu braço sahio nesta porfia,
 Porque hum golpe tirado com ventura
 Lhe fez beijar por força a terra dura.

LX.

Julgou-se morto Esteves, mas eu vendo
 A victoria segura, e tão barata,
 E não menos também reconhecendo,
 Que he valente quem vence, não quem mata;
 A mão lhe dando, assim lhe fui dizendo,
 Levantai-vos, não queira a sorte ingrata
 Que eu cometta a vilieza de matar-vos
 Quando chego indefeso a contemplar-vos.

LXI.

Ficou immovel, mudo, e pensativo
 O bravo Esteves por hum largo espaço
 Depois de levantar-se, hum incentivo
 Sendo de outro incentivo estorvo, ou laço;
 Offendido se achava; e vingativo
 O brio de furor lhe armava o braço;
 Mas devia-me a vida, e não queria
 Ser tyrano com quem lha concedia.

T

Venceo

LXII.

Venceo em fim no seu honrado peito
 A virtude a paixã, e dominado
 Da vingança feroz o duro effeito,
 Assim fallou valente, e socegado.
 O Ceo não quer, que eu seja satisfeito,
 Seja assim, viverei injuriado,
 Mas não hei de intentar fer homicida,
 De quem cortez poupou a minha vida.

LXIII.

Assim dizendo, com feroz semblante
 As costas me voltou precipitado,
 Deixando-me suspenso, e vacilante
 Entre mil confusoens embaraçado:
 Depois na voz da fama foi constante
 Haver-se occultamente retirado
 Neste dia da Villa, e conduzido
 A bella Ignez a sitio não sabido.

LXIV.

Neste tempo por ordem de Fernando
 A' Corte fui chamado, e brevemente
 A guerra se rompeo, arrebatando
 Toda a minha attençaõ este incidente;
 E suposto que Amor no peito brando
 Accesa conservasse a chama ardente,
 O desejo da gloria, a que aspirava,
 A melhor parte d'alma me occupava.

Seguio-

LXV.

Seguiu-se logo á guerra o casamento
 Da Raynha de Hespanha, e logo a morte
 De Fernando, da qual o sentimento
 Inda agora me causa a dôr mais forte;
 Depois della, tu tens conhecimento
 Dos apertos crueis da minha sorte,
 E bem vês, que mal posso ter sabido
 O destino de Ignez qual tenha sido.

LXVI.

Mas pela relação deste soldado,
 Que a noticia nos deu da gentileza
 Daquella prisioneira, o meu cuidado
 Presume ser Ignez a Dama presa;
 Agora julga tu se interessado
 Devo ser no successo desta empreza,
 E se justo motivo tenho agora,
 Para a céga afflicção, que me devora,

LXVII.

Aqui na sua historia internecido
 O namorado Principe chegava,
 Quando foi por hum grito interrompido,
 Que Marcial festejo annunciava;
 Era clamor da gente, procedido
 De conhecer, que á terra já chegava,
 Com que todos se encherão de alvoroço,
 Superado do rio o largo fosso.

LXVIII.

Dispoz-se o desembarque promptamente ;
 Aproveitando aquelle ardor brioso ,
 Que he das victorias ordinariamente
 Quasi certo presagio venturoso ;
 E taõ activo foi , taõ diligente
 O valor dos soldados furioso ,
 Que por chegar á praya , que buscavaõ ,
 Muitos delles nas aguas se arrojavaõ.

LXIX.

Foraõ todos marchando , em diligencia
 Sobre a Villa , que logo foi entrada ,
 E rendida sem grande resistencia ,
 Sendo pelo presidio abandonada ;
 Porque a gente da terra a presistencia
 Desejando mostrar da fé guardada ,
 A pesar das desgraças neste dia
 A ditosa interpreza soccorria.

LXX.

Ganhada a Praça , socegada a gente ,
 Senaõ socega o peito cuidadoso
 Do namorado Principe , impaciente
 De desfatar o laço rigoroso ,
 Que opprime a beila Ignez , e naõ consente
 O seu nobre desvelo attencioso
 Celebrar hum triunfo , em quanto chora
 Perdida a liberdade o bem , que adora.

Manda

LXXI.

Manda vir da prisão, em que gemião
 Na fortaleza em ferros opprimidos
 Todos, quantos os damnos padecião
 Dos Castelhanos odios procedidos;
 E como os mais do caso não sabião
 Os amantes mysterios escondidos,
 Vasconcellos amigo, e confidente
 Nesta acção se mostrou mais diligente:

LXXII.

Partio correndo, como quem buscava
 O mais bello troféo desta victoria,
 Para o Principe amante, em quem notava
 Nada menos paixão de amor, que gloria;
 E como o beneficio conservava
 Da confidencia impresso na memoria,
 Desejava pagar-lhe em diligencia,
 A fineza daquella complacencia.

LXXIII.

Voltou em fim alegre, e acompanhado
 Dos presos todos, entre os quaes se via
 Rodeada do povo alvoroçado,
 Marchar a bella Ignez, que difundia,
 A pesar do rigor daquelle estado,
 Taõ brilhante fulgor, que a luz do dia
 Não he mais agradavel, quando apura
 Os seus rayos rompendo a noite escura.

Sah'õ

LXXIV.

Sahio a recebe-la enternecido
 O magnanimo Principe, occultando
 Nos disfarces de hum genio agradecido,
 As finas attençoens de hum peito brando;
 Porém logo depois de haver cumprido
 Este publico objecto, desejando
 Dar mais livre exercicio a seus affectos,
 A Vasconcellos disse os seus projectos.

LXXV.

E procurando aquelle confidente
 Satisfazer-lhe o gosto, com cautela,
 Despedido o concurso brevemente
 Pôz na sua presença a Dama bella:
 Alli qualquer dos dois taõ vivamente,
 Em ternuras amantes se desvela,
 Que só quem já provaſse hum tal effeito,
 Pôde delles formar justo conceito.

LXXVI.

Mil cousas mutuamente os dois amantes
 Se perguntavaõ, mil se respondiaõ,
 E mil vezes nas mais interessantes,
 Com diversas questões, se interrompiaõ;
 Mas passados em fim alguns instantes
 Naquelle doce enlevo, em que se viaõ
 Confusos os sentidos; os progressos
 Assim contou Ignez dos seus successos.

Depois

LXXVII.

Depois daquelle triste, infausto dia,
Em que meu Pay, sabido o nosso tracto,
Lavar com vosso sangue pertendia
O manchado esplendor do meu recato,
Buscando-vos no Campo, e na porfia
Sendo mais infeliz, foi taõ ingrato
Para mim sempre o fado, que o semblante
Já mais vî da alegria hum só instante.

LXXVIII.

Por meu Pay conduzida occultamente
Fui com cautela tal a huma herdade,
Que nem da propria casa a mesma gente
Teve mais de fallar-me a liberdade;
Assim passei tres annos, lentamente
Consumindo em chorar a minha idade,
Athé que as irrupçoens dos Castelhanos
Fizeraõ recear maiores damnos.

LXXIX.

Entaõ meu Pay, que mais me não fallára
Desde o ponto fatal do seu enfado,
E que a barba tambem já mais cortára,
Depois de se julgar injuriado;
Podendo nelle mais da Patria chara
O verdadeiro amor, que o genio irado,
Entrando no meu quarto, sem que ouvisse
Outra pessoa alguma, assim me disse.

Ignez

LXXX.

- „ Ignez os teus delictos são tão feyos;
 „ Que me accusaõ da falta do castigo;
 „ Mas se a fortuna me embaraça os meyos;
 „ Nem por isso me abate o brio antigo;
 „ Algum dia a pesar destes enleyos
 „ O Ceo mais liberal será comigo,
 „ Mas agora convém, que a minha furia
 „ A Patria sacrifique a minha injuria.

LXXXI.

- „ Os Castelhanos, contra a fé jurada
 „ Nos solemnes Tractados, tem rompido
 „ A promettida paz, e declarada
 „ A guerra contra o Reyno enfraquecido
 „ Pela falta de Rey, e pela errada
 „ Fóрма do seu governo dividido
 „ Em partidos contrarios, que impugnando
 „ Huns a outros se vão debilitando.

LXXXII.

- „ A gente mais amante, e mais zelosa
 „ Da liberdade, e gloria Portugueza,
 „ Segue o Mestre de Aviz, que agora goza
 „ De Defensor dos povos a grandeza,
 „ E supposto, que a honra escrupulosa
 „ Deva delle apartar-me, a natureza
 „ Do negocio me obriga, a que prefira
 „ O publico interesse á propria ira,

Nesta

LXXXIII.

„ Nesta Provincia Nuno a liberdade
 „ Defende da Nação, e favorece
 „ Os intentos do Mestre, que a Cidade
 „ De Lisboa por Chefe reconhece:
 „ Eu pertendo partir com brevidade
 „ A servir no seu Campo, e me parece,
 „ Que tu só ficas bem, de tua Tia
 „ Da Villa de Portel na companhia,

LXXXIV.

Assim se fez; mas logo a Fortaleza,
 Por culpa da mulher do Commandante,
 Tomou voz por Castella, e da villeza
 A Villa toda fez participante;
 Não por gosto do povo, que a tristeza
 Bem se via de todos no semblante;
 Mas pela sujeição, que lhe causava
 A guarnição, que os muros occupava.

LXXXV.

Eu conhecendo em muitos moradores
 A repugnancia desta obediencia,
 Fundada simplesmente nos temores
 De alguma mais funesta contingencia;
 Lamentando com elles os rigores
 Desta dura oppressão, e com prudencia
 Tentando de alguns delles os affectos,
 Os dispuz a favor dos meus projectos.

Eraõ

LXXXVI.

Eraõ estes privar os Castelhanos
 Da posse de Portel, e metter nella
 Outra vez os expulsos Lusitanos,
 A pesar dos perfidios de Castella;
 Mas sendo taõ temiveis os enganos,
 Em materia taõ grave, esta cautela
 Suspendeo largo tempo o meu cuidado,
 Sem tomar confidente declarado.

LXXXVII.

Achava-se em Portel, de tempo antigo,
 Hum Sacerdote Portuguez zeloso
 Da honra da Naçaõ, que o seu perigo
 Despresava com peito generoso
 Em obsequio da Patria, e por castigo
 Contava aquelle jugo injurioso
 Dos Hespanhoes; por cujos sentimentos
 Só d'elle confiei meus pensamentos.

LXXXVIII.

Este ganhou com varias diligencias,
 Grande parte da gente, e disfarçando
 Com pretexto de algumas dependencias
 Huma breve jornada, despresando
 De hum taõ grave perigo as consequencias,
 A Evora passou, onde informando
 Nuno deste negocio; concertada
 Deixou com elle a empreza projectada.

Foi

LXXXIX.

Foi ella com tal arte conduzida,
 Com tal segredo, com taõ boa forte,
 Que a pesar da muralha defendida
 De hum poder grande, de hum presidio forte,
 Foi a gente de Nuno introduzida
 Dentro da Villa, sem custar-lhe a morte
 De hum só Soldado, sendo mais gostosa
 A victoria por menos trabalhosa.

XC.

Porém antes que fosse inteiramente
 Ganhada a Fortaleza, foi sabido
 Dos Castelhanos, como a Lusa gente
 Convidada do povo tinha sido;
 E que en fora motora, ou confidente
 Daquelle occulto tracto, introduzido
 Por meyo da jornada, que affectára
 O Sacerdote, a quem o confiára.

XCI.

Com esta indignaçãõ naõ se atrevendo
 A vingar-se de todos; procuráraõ
 Em mim descarregar o golpe horrendo
 Da sua raiva, e presa me leváraõ,
 Com mais cinco pessoas; mas temendo
 Os furores de Nuno, se apartáraõ
 Das estradas de Hespanha, e quiz a forte,
 Que esta Praça elegessem por mais forte.

Assim

XCII.

Assim fallava Ignez, e transportado
 O Principe de gosto, e de ternura,
 Novamente no peito namorado
 Sente crescer de amor a força dura;
 Qual incendio, que em cinzas sepultado
 Algum tempo se occulta, e desfigura;
 Mas com mais furia as chamas multiplica;
 Se inflamavel materia se lhe applica.

XCIII.

Tal no peito do Principe escondido
 O fogo da paixã impetuoso,
 De cuidados, e sustos opprimido,
 Ausente ardia menos luminoso;
 Mas de novo nos olhos accendido
 Da bella Ignez, se inflamma furioso,
 E nas chamas, que atêa a luz tyrana,
 Da prudente cautela o véo profana.

XCIV.

A Lisboa passou; mas igualmente
 Ignez passou tambem, que a paixã viva
 De qualquer dos amantes não consente
 Provar mais da distancia a pena esquiva:
 Alli suave, mas inutilmente
 Nos vaons desvelos, que este ardor motiva
 Entretrido do Principe o cuidado,
 De tudo o mais vivia descuidado.

Mas

XCV.

Mas o Genio, que tem da Lusa terra
A direcção por forte, e que zeloso
Assiste a seu governo em paz, e guerra,
Sempre constante, sempre officioso,
Vendo quanta paixão no peito encerra
O claro Defensor, e que forçoso
Seria corromper-lhe o grande alento
A duração daquelle encantamento.

XCVI.

Querendo precaver os tristes danos,
Que hum tão grave descuido ameaçava
A's nobres pertençaens dos Lusitanos,
Que o Ceo tão favoravel abonava;
Na mesma escura fragoa dos enganos
Hum aviso fiel lhe preparava,
Pelo meyo de hum sonho, que em figura
Lhe mostrasse da gloria a face pura.

XCVII.

Ha na casa do Sono hum aposento
Vasto, espaçoso, porém mal formado,
Sem luz, sem ordem, sem repartimento,
De indigestas materias fabricado;
Altas torres lhe servem de ornamento
Feitas de fragil vidro, mas lavrado
Com tão irregular, tão varia norma,
Que a luz nellas em sombras se transforma.

As

XCVIII.

As paredes se adornaõ do edificio
 Dos mais altos troféos da gloria humana,
 Confundidas, com raro desperdicio,
 As insignias da sorte mais ufana,
 As Tógas, e Bastoens no frontespicio
 Pendentes livremente a maõ profana,
 E Tiaras, e Ceptros; mas sòmente
 Hum momento toca-os se consente.

XCIX.

Igualmente os metaes mais preciosos,
 As mais luzidas pedras, mais brilhantes;
 Ouro, prata, topazios luminosos,
 Esmeraldas, safiras, e diamantes
 Por varias partes mostraõ sumptuosos
 Desperdicios, thesouros arrogantes;
 Mas promptamente os muda, e desfigura
 Hum toque de razaõ livre, e segura.

C.

De outro lado se mostraõ rodeadas
 As paredes de objectos formidaveis,
 Desgraças fêyas, afflicçoens pesadas,
 Riscos funestos, odios implacaveis,
 Lobos crueis, Serpentes enroscadas,
 Tigres fêros, Leoens infaciaveis,
 Tudo alli se devisa, mas a tudo
 Hum só rayo de luz serve de escudo.

Cep:

CI. X

Spectros disformes, espantosos vultos,
 Gigantescas figuras, monstros feyos,
 Errantes almas, corpos insepultos
 Se vêm girar em rapidos passieyos;
 Mas igualmente vaons os seus insultos,
 Igualmente são vaons os seus enleyos,
 Porque todo o terror, toda alegria
 He sómente illusã da fantasia.

CII. X

Neste aposento o Sôno tem guardado,
 Os filhos, que lhe pare a Noite escura,
 Que Sônhos dos mortaes foraõ chamados,
 Entes de varia côr, varia figura;
 De enganos taõ sómente alimentados,
 O fingimento he sua compostura;
 Mas entre estes tambem a Divindade
 Sônhos guarda, que nutre de verdade.

CIII.

Hum destes pois, que o Genio bem conhece
 Entre a turba dos Sônhos ignorantes,
 Por verdadeiro Sônho, e que merece
 Ser correyo de avisos importantes,
 Da prisão solta, e manda, que viesse
 Visitar o Varaõ, que dos amantes
 Desvelos todo o peito tinha cheyo,
 Athé do Sôno no quieto feyo.

Vem

CIV.

Vem o Sonho voando, e toma assento
 Sobre a mesma almofada, em que reclina
 A cabeça o Varaõ, e no aposento
 Mil engenhosas fabricas maquina,
 Figuras finge, finge sentimento
 Nos fantastieos vultos, que illumina;
 Porque os sonhos ou bons, ou falsos sejaõ;
 Fingem qualquer figura, que desejaõ.

CV.

Quatro Damas de corpo agigantado,
 De côr, figura, e trajés diferentes,
 No prospecto de hum campo dilatado,
 Julgava o Varaõ claro ver presentes;
 Huma dellas, que quasi rodeado
 O tinha de seus braços reverentes,
 E mais bella de todas parecia
 Na côr, semblante, e traje, que vestia,

CVI.

De Tiaras, e Ceptros guarnecida
 A clara frente tinha, e sustentava
 Hum vaso de Amalthea, que em florida
 Confusaõ a mão bella equivocava;
 Roupas de rica seda entretecida
 De ouro fino, que a prata matizava,
 Lhe serviaõ de adorno; mas no gesto
 Dava de dôr indicio manifesto.

Oue

CVII.

Outra se via hum pouco mais distante,
 De cõr escura, de feiçoens grosseiras,
 De grandes membros, de feróz semblante;
 De acçoens soltas, e pouco lisonjeiras:
 A cabeça adornava de hum Turbante;
 O corpo meyo nú, e nas ligeiras
 Maõs hum arco trazia, e copia clara
 Do metal, que idolatra a gente avára.

CVIII.

A terceira mais longe apparecia,
 Dama gentil, mimosa, e delicada,
 Que no terno melindre bem se via,
 Ser a brandas delicias costumada;
 Rica, vistosa touca lhe cingia
 Os formosos cabellos, matizada
 De peregrinas plumas, onde o vento
 Se recreava em doce movimento.

CIX.

A garganta de perolas formosas
 Rodeada mostrava; os pês, e braços
 De brilhantes, e pedras preciosas
 Ligados todos com custosos laços
 Roupas vestia ricas, e pomposas
 Bordadas de ouro; e feitas em pedaços
 Aromaticas plantas sustentava
 A bella mão, que o preço lhe augmentava.

CX.

Da figura da quarta mal divisa
 A luz dos olhos, turva nas distancias,
 Mais que a grande estatura, que indecisa
 Deixa a vista nas suas circumstancias:
 De côr baça parece, e na precisa
 Compostura tão livre de jaçtancias,
 Que de folhas, e penas tão sómente
 Cobre parte do corpo, e cinge a frente.

CXI.

Mas a pesar daquelle traje inculto,
 A pesar destas mostras de pobreza,
 Nas maons se observaõ do distante vulto
 As mais raras insignias da riqueza:
 Enlaçados, e juntos em tumulto
 Os mais mimosos dons da natureza
 Alli se viaõ, pedras preciosas,
 Ricos metaes, e fructas faborosas.

CXII.

Taes eraõ das matronas apparentes
 Os simulados vultos, taes as bellas
 Insignias, que ostentavaõ; mas patentes
 As mostras do pesar, em todas ellas
 Se deixavaõ notar, athé que ardentes
 Suspiros exalando, e sem cautelas
 Soltando tristes vozes, entoáraõ
 Altos gritos, que o Principe acordáraõ.

Rom-

CXIII.

Rompia neste tempo a luz do dia
 As funebres prisoens da sombra escura,
 E nos primeiros rayos difundia
 Sobre os mortaes os dons da chama pura;
 Larga o Principe o leito, a fantasia
 Occupada do sonho, e mal segura
 Dos mysterios, que encerra, e que pertende
 Ancioso entender, mas não entende.

CXIV.

A Barrocas expôr o seu cuidado
 Determina, com pio pensamento,
 Da virtude nas luzes confiado,
 Que he da sciencia o firme fundamento;
 Mas o Genio, que o tempo accommodado
 A' conclusã notou do seu intento;
 De Barrocas mudado na figura,
 Lhe apparece naquella conjunctura.

CXV.

E depois que o Varaõ lhe communica
 Toda a serie do sonho portentoso,
 As matronas lhe pinta, o traje explica,
 As distancias, e grito pavoroso;
 Com repetidas ancias lhe supplica,
 Que lhe interprete o caso duvidoso,
 E lhe diga se deve despresá-lo,
 Ou por alto prodigio respeita-lo.

CXVI.

Eu venho, diz o Genio, conduzido
 Por impulsos do Ceo a procurar-te,
 Que das tuas franquezas condoído
 Quer de mais feyos erros libertar-te;
 Por mim serás, se queres, instruído
 Nos emblemas do sonho; mas guardar-te
 Deves de provocar o Ceo clemente,
 Que nem sempre será tão paciente.

CXVII.

As mulheres, que viste, são figura
 Das quatro divisoens da terra inteira,
 Que bem, que hoje só tres a conta apura,
 Outra tem nada menos verdadeira;
 Aquella, que nos braços te segura,
 Europa representa, que a guerreira
 Lusa Nação por meta reconhece
 Na parte Occidental, onde fenece.

CXVIII.

Por isso nos seus braços te sustenta,
 Como Mãe, que no seyo te creára,
 E das tuas franquezas se lamenta,
 Porque a mais altos fins te destinára;
 Ella tinha no brio, que te alenta,
 E na prole, que o fado te prepára,
 A mais alta esperança; e se lastima
 De ver, que Amor teus brios defanima.

A que

CXIX.

A que pouco distante se mostrava
 De semblante feroz, e mal vestida,
 Africa ardente alli significava,
 Terra de gente inculta, e defabrida;
 Contra ti justamente se indignava,
 Porque sendo-te a gloria concedida
 Da conquista de terra taõ famosa,
 Amor te prende em rede vergonhosa.

CXX.

Tu mesmo, contra ti seguramente
 Te indignarias, se as futuras glorias
 Poderes bem notar á luz fulgente,
 Que há de accender a chama das victorias;
 A mim, já por favor do Ceo clemente,
 Algumas destas cousas são notorias,
 E só por contemplar acçoens taõ bellas,
 Mil graças dou a Deos, origem dellas.

CXXI.

A soberba de Ceuta já rendida
 A's tuas armas vejo; vejo os braços
 De teus netos, com furia repetida,
 De outras Praças vencer os embaraços;
 Alcacer forte, Arzila defendida,
 Azamor, Mazagaõ, dos torpes laços
 Do Mauritauo jugo libertadas,
 A's Lufas Quinas vejo já prostradas.

Cabo

CXXII.

Cabo Verde, Guiné, Angóla, e Mina,
 Moçambique, Quiloa, com Mombaça,
 E toda a negra Costa, que illumina
 O Sol visinho, com luz nada escassa,
 A' Lusa gloria vejo, que destina
 Os mais claros trofeos; se huma desgraça
 Os não escurecer; mas profigamos
 Nas figuras do sonho, que explicamos

CXXIII.

A terceira, que adorno mais pomposo
 Em mayores distancias ostentava,
 Da fertil Asia o nome glorioso
 Nas sombras da visã representava;
 Nesta parte do Mundo, o mais formoso
 Esmalte á Lusa gloria preparava
 A sabia mão do fado, e justamente
 Teus indignos descuidos Asia sente.

CXXIV.

Ah! se podesses as acçoens preclaras
 Dos vindouros saber; o nobre alento
 De hum Gama, e de hũ Almeyda, as obras raras
 De hũ Albuquerque, e hũ Cunha, o sofrimento
 De hum Mascarenhas, e hũ Sylveira, as claras
 Emprezas de hum Pacheco, o luzimento
 Dos Ataides, Castros, e Menezes,
 E de outros grandes nomes Portuguezes!

Ah!

CXXV.

Ah! se pudeses ; mas a natureza
 Dos míseros mortaes já mais alcança
 Entre as sombras escuras da incerteza,
 Dos incertos futuros a bonança ;
 Baste, para animar-te na firmeza
 De tanta gloria, a justa confiança
 Nos avisos do Ceo, e com tal guia
 Prosigamos do sonho na porfia.

CXXVI.

A quarta das matronas, que encoberta
 Em lugar mais escuro, que distante,
 De folhas, e penachos mal coberta,
 Ostentava a riqueza mais brilhante ;
 Era nesta visão imagem certa
 De outra parte do Mundo, que ignorante
 A desconhece agora ; mas que deve
 Fazer nelle figura nada breve.

CXXVII.

Agora não tem nome, mas chamada
 America sera do nome claro
 De hum sabio Florentino, que a roubada
 Gloria de hum Portuguez, por modo raro
 Deixará, se não pura, bem vingada,
 Frustrando felizmente o voto avaro
 Da atrevida ambição de outro Estrangeiro,
 Que há de aspirar ás honras de primeiro.

Nesta

CXXVIII.

Nesta parte do Mundo tem guardado
 A providente mão da natureza
 O seu maior thesouro destinado
 Pelos fados á gloria Portugueza,
 As pedras finas, o metal prefado
 Por infignia do fausto, e da riqueza,
 A cana doce, e as plantas mais formosas
 Alli teraõ as gentes cubiçofas.

CXXIX.

Mas toda aquella luz, aquella gloria,
 Que há de illustrar o nome Lusitano,
 Depende do trabalho, e da victoria,
 Da virtude, e valor mais soberano;
 O teu se perde em distracção notoria
 Entre vans illusoens de Amor tyrano,
 E desta forte podem ser frustradas
 Todas estas venturas esperadas.

CXXX.

Se te naõ move o nobre sentimento
 Da tua propria gloria; se esquecer-te
 Podes tanto de ti, no abatimento,
 A que Amor te reduz, possa mover-te,
 Pelo menos o claro luzimento,
 Que a teu sangue se espera, e merecer-te
 Possa em fim Portugal, que á sua fama
 Sacrifiques o fogo, que te inflamma.

Assim

CXXXI

Affim fallou, e logo arrependido
O Varão do descuido, em que vivia;
A Barrocas abraça agradecido
A's santas instrucçoens, que lhe devia;
O Genio se retira; Amor vencido
Cede á gloria o lugar, que lhe impedia;
Em clausura decente Ignez se encerra;
Profegue com fervor a dura guerra.

FIM DO CANTO VII.

...LIBRO DE LAS LEYAS...

LA LIBERDADE

DO REY DON ALFONSO

...M. D. C. LXXII...

No faysseis o faysseis de daros
 descendencia Lisbon, parende li-
 bertad, tomo o Reino, e marcho
 do Rey, e faysseis de daros
 de a parte, mas depois de daros
 na a rebelia, o Desejo de daros
 na a ganhar, com Torres, Torres, No-
 vas, Sinta, Penha, Leiria, e a maior parte
 da Provincia de Extremadura, de do Alentejo,
 segun se puzo toda o seu partido. Na Beira
 muitos Lugares, e Villas se obedecem, com
 alguns de Trás os Montes. O Porto e ferre, e
 algunos Pracos de Alentejo se obedecem; mas
 o resto o Rey de Castella puzo de daros
 partido de daros, e comendo de daros
 lugares o achamento seu Rey, e faysseis de daros
 de a vida, por me de daros, e faysseis de daros
 que se cato de daros de Trás os Montes, e faysseis de daros
 da em Portugal. Desobediencia de daros
 de daros.



A LIBERDADE

CANTO VIII.

ARGUMENTO.



*N*ÃO satisfeito o Heróe de haver defendido Lisboa, pertende libertar todo o Reyno, e marcha sobre Alenquer, que se lhe rende a partido; mas depois se torna a rebellar. O Defensor a torna a ganhar, com Torres Vedras, Torres Novas, Sintra, Peniche, Leiria, e a maior parte da Provincia da Extremadura. A do Alemtejo segue já quasi toda o seu partido. Na Beira muitos Lugares, e Villas lhe obedecem, com alguns de Tras os Montes. O Porto o serve, e algumas Praças do Minho se lhe rendem; mas vendo o Rey de Castella quanto se augmenta o partido do Defensor, e temendo, que os Portuguezes o acclamem seu Rey, pertende tirar-lhe a vida, por meyo de huma traição, para que se vale do Conde de Trastamara, que servia em Portugal. Descobre-se a traição ao Defen-

Defensor, que busca ao Conde só no campo, onde lhe declara a noticia, que tem do seu projecto, lhe offerece a commodidade para executar a sua commissão, e juntamente lhe afeya a sua perfidia, e o despede para Castiella, sem querer vingar-se. Descobrem-se complices na traição alguns Fidalgos Portuguezes, de que huns fogem, outros se prendem; mas assustado o Reyno com estes perigos, pertende tomar mais prompta, e segura providencia sobre o Governo, e se ajuntão em Coimbra os Prelados, a Nobreza, e os Procuradores das Villas, e Cidades, para celebrarem Cortes, a que vem assistir o Defensor, com os principaes Officiaes do seu Exercito, e junto á Cidade são recebidos por hum grande rancho de meninos, que clamaõ todos viva El Rey D. Joaõ. Em quanto naõ chegaõ alguns Deputados dos lugares mais remotos, vai o Defensor gastar alguns dias na caça, e vai parar huma noite a casa de hum Cavalheiro, que vive retirado em huma Aldeia, chamado Camillo. Descreve-se Camillo, e a pratica que teve com o Defensor; as instancias do Principe, e resposta do mesmo Camillo. Despede se o Heróe hum pouco commovido das idéas Filosoficas; mas em sonhos lhe apparece a figura do Senbor D. Affonso, q̃ lhe expoem as glorias da Casa de Bragança, e animado de novo parte para Coimbra.



A LIBERDADE

CANTO VIII.

JA não consente o brio Lusitano
 Defender só Lisboa; já medita
 Liberdade geral, já do tyrano
 Estrangeiro dominio sollicita
 Evitar totalmente o triste damno
 No resto da Nação, e se habilita
 Do grande Defensor o nobre alento,
 Para cumprir tão alto pensamento.

Ma

II.

Marcha sobre Alenquer praça vizinha,
 Que o partido sustenta de Castella,
 Como terra, que fora da Raynha,
 Que o Genro introduzio na posse della;
 E como a seus projectos não convinha
 Fazer grande demora, por cautela,
 Com partidos tentou primeiramente,
 A Villa sujeitar suavemente.

III.

Governava Camoens a Fortaleza,
 Cavalheiro Hespanhol bem conhecido,
 Mas notado de alguma ligeireza
 Em mudar facilmente de partido;
 E mostrando por susto, ou por destreza
 Na presença de risco tão crescido,
 Estimar a proposta, em fim se rende;
 Mas faltar brevemente á fé pertende.

IV.

Porque apenas as armas Portuguezas
 Os muros de Alenquer desassombrárao,
 E sobre Torres Vedras mais accessas
 Da guerra as feras chamas se ateárao,
 Quando Camoens com torpes subtilezas,
 Que muitos dos seus mesmos reprovárao,
 Outra vez o partido Castelhanao
 Pertendeo preferir ao Lusitano.

Mas

V.

Mas este, e outros mais apaixonados
 Pela causa de Hespanha, que intentavaõ
 Abater os trofeos continuados,
 Com que as Lusas empresas se illustravaõ,
 Serviaõ só de dar mais avultados
 Esmaltes ás victorias, que alcançavaõ,
 Cada vez com ventagens mais famosas,
 Do Defensor as armas gloriosas.

VI.

Porque a pesar dos grandes embarços
 Do poder Hespanhol, e da porfia
 De muitos Portuguezes, que entre os laços
 Da servidaõ hum vil temor prendia,
 Do grande Defensor os fortes braços,
 E dos seus parciaes a valentia
 Triunfaõ sem cessar por toda a parte,
 Onde o vulto descobre o fero Marte.

VII.

Alenquer outra vez o jugo acceita,
 Torres Vedras se rende, Sintra cede
 A' força dos combates; já sujeita
 Se mostra Torres Novas; já despede
 Peniche os Castelhanos; já respeita
 Leiria o Defensor, e já se mede
 Quasi toda a Provincia com socego,
 Desde as margens do Tejo ás do Mondego.

Igual-